

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE SAÚDE E SOCIEDADE

CAMPUS BAIXADA SANTISTA

CHARLES DIAS COELHO

**A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE A PARTIR DAS
MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DA PERIFERIA: MOVIMENTO
PUNK**

SANTOS

2019

CHARLES DIAS COELHO

**A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE A PARTIR DAS
MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DA PERIFERIA: MOVIMENTO
PUNK**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do grau de Bacharel em
Psicologia
Universidade Federal de São Paulo
Área de Concentração: Psicologia Social
Orientação: Prof. Dr. Alessandro
Oliveira Campos

SANTOS

2019

Charles Dias Coelho

**A produção de subjetividade a partir das manifestações culturais
da periferia: movimento punk**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em
Psicologia
Universidade Federal de São Paulo
Área de concentração: Psicologia Social

Aprovação: ____/____

Prof. Dr. Alessandro Oliveira Campos
Universidade Federal de São Paulo

Prof. Dr. Marcos Alberto Tadeo Cipullo
Universidade Federal de São Paulo

C672p Coelho, Charles.
A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE A PARTIR DAS
MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DA PERIFERIA: MOVIMENTO PUNK.
/ Charles Coelho; Orientador Alessandro Campos. --
Santos, 2019.
69 p. ; 30cm

TCC (Graduação - Psicologia) -- Instituto Saúde e
Sociedade, Universidade Federal de São Paulo, 2019.

1. Identidade. 2. Movimento Punk. 3. Psicologia
Social. 4. Autonomia. 5. Emancipação. I. Campos,
Alessandro, Orient. II. Título.

CDD 150

Agradecimentos

Agradeço especialmente ao meu orientador Professor Dr. Alessandro de Oliveira Campos, obrigado por todo o suporte durante a construção desse trabalho.

Aos meus pais Heli e Josefa, vocês são fundamentais na minha vida, obrigado pelo apoio e por sempre acreditarem em mim.

À minha namorada Josy, que nesses últimos anos com seu apoio incondicional tornou esse trabalho e a minha formação possível, obrigado por acreditar em mim e abrir morada no seu coração Morzy.

Aos meus grandes amigos de longa data, Aílton, Cleiton, Fabrício Gwar, Feijão, Marcos e Ronaldo. Vocês tem grande importância em quem eu sou, foram muitas risadas e muitos perrengues divididos ao longo dos anos de amizade, obrigado amigos!

Aos meus amigos que a UNIFESP me apresentou, Fábio Carlos, Gabriel, Jesus, Paulina, Pelé, Robinho, Pelado, Vand e Xand. Foi mais fácil passar esses anos em Santos dividindo os espaços no campus e os copos na Tia Ana com vocês.

Não poderia deixar de agradecer aos amigos que a vida guardou para me entregar apenas no ano de 2019. Obrigado Bea, Thomas, Jú e Davi, esse ano se tornou muito mais leve com a entrada de vocês em minha vida, amizade que começou esse ano e será levada para toda vida.

Agradecimento *in memoriam* a Edson Pozzi, o grande Redson vocalista da banda *Cólera*, ao ouvir suas palavras e as letras de suas músicas eu decidi que eu queria ser punk e lutaria todos os meus dias por liberdade.

Pra finalizar agradeço a todos aqueles que as vezes nem mesmo sei o nome, mas passam todos os dias na minha vida e me ajudam a ser o Charles que sou.

RESUMO

Esse trabalho discutira a construção da identidade a partir da participação de indivíduos no Movimento Punk. O conceito de identidade apresentado nesse trabalho é baseado na obra do psicólogo social Antonio Costa Ciampa que apresenta a identidade como algo que não se concretiza, por isso está em constante metamorfose ao longo da vida. Essa identidade tem um projeto de vida, esse projeto visa a autonomia que leva o indivíduo a emancipação. O objetivo desse trabalho é olhar para a relação entre o Movimento Punk e a construção de identidade, sendo essa autônoma e emancipada.

Palavras-chave: Movimento Punk, Identidade, Ciampa, Autonomia, Emancipação

ABSTRACT

This paper will discuss the construction of identity from the participation of individuals in the Punk Movement. The concept of identity presented in this work is based on the work of social psychologist Antonio Costa Ciampa that presents identity as something that does not materialize, so it is in constant metamorphosis throughout life. This identity has a life project, this project aims at the autonomy that leads the individual to emancipation. The objective of this work is to look at the relationship between the Punk Movement and identity construction, which is autonomous and emancipated.

KEYWORDS: Punk Movement, Identity, Ciampa, Autonomy, Emancipation

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CCS - Centro Cultural Social

COB - Confederação Operária Brasileira

DIY - *Do It Yourself*, em português: Faça Você Mesmo

JuLi - Juventude Libertária

KRAP - Koletivo de Resistência Anarco-Punk

MAP - Movimento Anarco-Punk

NAAR - Núcleo Anarquista Ação Radical

SESC - Serviço Social do Comércio

SUMÁRIO

1. Introdução	10
1.1. Movimento punk, movimento de contracultura	14
1.2. Punk em São Paulo: primeiros punks.....	15
1.3. Anarco-punk	17
2. Justificativa	20
3. Objetivos	22
4. Metodologia	23
4.1. Repertório teórico	
4.1.1. Sujeito.....	23
4.1.2. Identidade	24
4.1.3. Subjetividade	27
5. Análise dos dados.....	30
6. Considerações finais.....	47
7. Referências bibliográficas	52
8. Anexos	55

1. Introdução

O movimento punk chega ao Brasil no final dos anos 70 através da música que se produzia nos EUA e Inglaterra. Com a chegada dos primeiros discos de punk rock ao Brasil, a cultura punk passa influenciar muitas pessoas das periferias paulistas e de outras cidades do Brasil, como aponta Caiafa (1985) em seu estudo etnográfico sobre o movimento punk na cidade do Rio de Janeiro:

O movimento Punk, no Rio, surgiu contemporâneo à reativação do rock na cidade, há três anos. Foi quando muitas bandas se formaram e casas de espetáculos se abriram para esse tipo de som. O movimento tomava impulso, contudo, em outro lugar, no silêncio, na distância, na rebeldia dos becos do subúrbio. (Caiafa, 1985)

Nesse período, pessoas começam a montar as primeiras bandas punk, e com isso grupos de convivência são montados e começa a troca de materiais produzidos (música, *fanzines*, revistas, vestuário) por membros do grupo. No entanto, essas influências vão além da música, devido ao momento político que o país vivia. Era por intermédio do punk que muitos demonstravam sua insatisfação com o cenário político repressivo vigente na época. O punk atrelado à sua própria cultura torna-se um dos elementos fundamentais na formação política de seus participantes, com um viés anarquista e libertário.

No ano de 1982, em uma unidade do SESC (Serviço Social do Comércio) localizada no bairro da Pompeia, na cidade de São Paulo, aconteceu o primeiro grande festival punk brasileiro: “O começo do fim do mundo”. Esse evento reuniu pessoas e bandas punk vindas de vários bairros paulistanos e cidades do ABC paulista. Segundo levantamentos, aquele encontro foi um momento em que pessoas compartilharam de música e ideais políticos.

O punk, entretanto, apesar de não ter mais tanto destaque midiático e mesmo nas pesquisas acadêmicas, como ocorreu nos anos 1980 e 1990, persiste até nossos dias. Há, atualmente, muitas pessoas que se reúnem em shows pelas cidades brasileiras como forma de lazer e produção política. A partir dessa constatação, foram realizadas observações de campo em shows de bandas punk em diferentes cidades do estado de São Paulo, como a capital paulista, as cidades do chamado ABC Paulista e da Baixada Santista.

Os shows e outros eventos organizados dentro do movimento punk são realizados de forma e propósito diferente do que habitualmente conhecemos na indústria artística, em que a música e conseqüentemente o show do artista são vendidos como um bem de consumo. Esse modo de organização de shows e outros eventos organizados pelo movimento punk é conhecido como DIY (*Do It Yourself*, em português: Faça Você Mesmo), ética que põe ênfase a ter uma maior intimidade com os bens de consumo pessoal e aposta em um consumo consciente dos mesmos. Com isso, as próprias bandas punks produzem seus discos, shows e camisetas, entre outros materiais.

Aqui pode-se notar a diferença entre uma gig punk¹ e outros shows musicais: enquanto shows musicais são vendidos como um bem de consumo, um show produzido com base nos preceitos da ideologia DIY não tem como missão principal o acúmulo de capital. O dinheiro arrecadado nesses shows é destinado ao transporte das bandas e equipamentos, gravação e prensagem de discos e coletâneas de bandas punks, ou para o patrocínio de alguma ação promovida pelo movimento punk.

¹: como são conhecidos os shows de punk.

Um desses shows de punk-rock observados aconteceu em um bar no centro da cidade de Santos. O local funciona durante o dia como restaurante e lanchonete que serve refeições aos trabalhadores da região portuária e outros transeuntes. Aos fins de semana acontecem alguns shows em um espaço no fundo do bar - o local não possui os equipamentos de som, que são trazidos pelo coletivo que organiza os shows.

Segundo um dos participantes do coletivo, tudo é feito com a participação e colaboração de todos do coletivo, desde o transporte do equipamento até mesmo a bilheteria é gerida por eles mesmos; o bar vende bebidas e com isso obtém lucro do que é vendido no local.

O valor do ingresso para os shows foi de R\$ 10, valor que segundo membros do coletivo serviu para pagar alguns gastos como transporte e manutenção dos equipamentos de som usados no show, e o restante do montante de dinheiro arrecadado na bilheteria seria dividido entre as bandas que tocaram no show.

Os shows da noite foram com as bandas Besta (Portugal), Cúmplice (São Paulo), Manger Cadavre (São José dos Campos) e Maldita Ambição (Praia Grande). Na chegada do bar notou-se que somente as bandas se encontravam no local e que existia uma troca de materiais (CDs, LPs e camisetas) que as bandas faziam entre si, além da montagem de equipamento para o show. Cada banda tinha um espaço para montar sua “banquinha” materiais para serem comercializados durante o show, além de alimentos veganos.

Com o passar do tempo os primeiros punks começaram a chegar no local e foram entrando no bar. Os punks eram na maioria jovens com

camisetas de bandas punk (Black Flag, Discharge e Ratos de Porão, entre outras), cabelos com moicano e dreadlocks, buttons com mensagens políticas (pró-vegetarianismo, veganismo, feminismo e antirracismo, entre outras causas) e de bandas punk.

Muitos punks bebiam cervejas e conversavam sobre música e a atual situação política do país, assunto muitas vezes levantado tanto pelo público quanto pelas bandas.

Os shows das bandas convidadas foram cheios de energia, com rodas de pogo punk² e momentos de discussão política entre uma música e outra. Algum membro da banda abordava uma questão política, falou-se sobre redução da maioria penal e corte de direitos dos trabalhadores, entre outras coisas.

O vocalista Lafayette contou que todos da banda estavam muito felizes por estarem tocando no Brasil e que para conseguir fazer a turnê, todos tiraram férias dos seus trabalhos, visto que a banda não rende dinheiro suficiente para o grupo viver de música; todos os integrantes da banda possuem trabalhos formais e deixaram suas famílias em Portugal. Com certeza, essas seriam as melhores férias de suas vidas, disseram.

É notado que não existe uma hierarquia entre os artistas das bandas e seu público. Ao final dos shows todos continuaram no bar conversando, trocando *fanzines* (mídia punk) ou bebendo. Nesse sentido, a pesquisa busca observar essas relações de sociabilidade que se expandem para além dos shows, construindo redes de contato que se articulam cultural e politicamente,

² Dança punk

visto que o movimento punk se mostra um ambiente de formação política e afetividade.

O punk que no início dos anos 80 era um movimento que dava respostas a uma conjuntura social da época, e com isso tinha uma certa homogeneidade, com o passar dos anos passou a se subdividir (GALLO, 2008).

1.1. Movimento Punk, movimento de contracultura

É válido ressaltar o conceito de subcultura, que desempenha importante papel na análise de questões identitárias envolvidas com a contracultura.

Segundo Bennet (2001), subcultura é um subgrupo social que se destaca da cultura vigente e sociedade dominante por suas próprias normas, valores e regras. Outros aspectos, de natureza artística e estética, são centrais em subculturas, em especial a produção de sua própria música e estilo. Hebdige (1979), em seu estudo perpetrado durante o início do movimento punk inglês, apontou a subcultura como uma resposta estética aos conflitos sociais e à crise econômica que marcavam o período. Porém, verifica-se que subculturas, apesar de demonstrarem significativa preocupação estética e estilística, apresentam complexidades sociais, econômicas, simbólicas e identitárias.

Em geral, advém de indivíduos da classe trabalhadora em reação ao desemprego, pobreza e opressão (MUNGHAM e PEARSON, 1976). Assim, configuram o esforço desses indivíduos insatisfeitos com o mundo adulto tradicional em sua busca pelo próprio nicho.

Por conseguinte, elas oferecem aos indivíduos de perfis vulneráveis oportunidades de resistência simbólica à opressão, juntamente

com um estilo de vida alternativo. Como resultado, seus adeptos criam e/ou acessam um espaço cultural no qual podem desafiar os valores dominantes, interagir socialmente, desfrutar de lazer e buscar, individual ou coletivamente, soluções a dilemas existenciais (BRAKE,1985).

1.2. Punk em São Paulo: primeiros punks

O início do Movimento Punk em São Paulo se dá no final da década dos anos 70 em meio à revolta de muitas pessoas frente aos dias de repressão que estavam vivendo na Ditadura Militar.

Através de informações contidas em revistas, pessoas de São Paulo começam a ter conhecimento do que era o Punk Rock, música e movimento que já estavam em ascensão nos Estados Unidos da América e na Inglaterra. Através de veículos de comunicação como a revista Pop, muitas pessoas conheceram esse estilo que estava em grande crescimento no universo da cultura pop mundial da época.

Pessoas vindas de todas as regiões da cidade de São Paulo começam a se reunir na região central da cidade, onde começam a comprar os primeiros discos de banda punk que chegavam ao país, a formar as primeiras gangues de punks e, conseqüentemente, as primeiras bandas brasileiras de Punk Rock.

As primeiras bandas punks brasileiras foram as bandas “Condutores de Cadáver”, “Al-5”, “Restos de Nada”, “Ratos de Porão”, “Cólera”, “Os Inocentes” e “Olho Seco”, entre outras. A formação de bandas e o crescimento do Movimento Punk resultam na criação do primeiro programa de rádio de São Paulo dedicado à música punk, apresentado pelo músico Kid Vinil, e à abertura de bares onde aconteciam shows das bandas e discotecagem de música punk.

Segundo os entrevistados do documentário “Botinada, a origem do punk no Brasil” as gangues punks nasceram inspiradas no filme americano “The Warriors” de 1979, filme que retrata brigas de gangues da cidade americana de New York. Sobre influência desses filmes, muitas pessoas começam a montar gangues punks, entre as mais conhecidas estão “Phuneral Punk”, “Carolina Punk”, “Punk da Morte” e “Punk Carniça”. Algumas dessas gangues permanecem ativas até os dias de hoje.

A criação dessas gangues tem como resultado o aumento da violência entre os punks, violência essa que passa a ser exploradas pela imprensa da época; o embate entre grupos da cidade de São Paulo e grupos oriundos do ABC Paulista se tornam cada vez mais constantes nos primeiros anos da década de 80.

Com a intenção de pacificar o movimento, alguns punks organizam o festival “O Começo do Fim do Mundo”, em que tocaram bandas de São Paulo e do ABC Paulista. O festival foi realizado nos dias 27 e 28 de novembro de 1982 no Sesc Pompeia, na cidade de São Paulo, e reuniu centenas de pessoas de várias regiões da cidade de São Paulo e região do Grande ABCD. Ao final do segundo dia, uma intervenção por parte da polícia colocou um fim ao evento.

Esse festival é considerado um marco histórico por punks de todo mundo, e na época foi motivo de artigos na mídia especializada de vários países

Vale observar que o movimento punk até então era um movimento estético-musical, apesar de alguns de seus atores já trazerem um viés político nas letras das músicas das bandas e na transgressão do visual utilizado.

1.3. Anarco-punk

A sigla que faz referência ao Movimento Anarco-Punk (MAP) surge pela primeira vez no começo dos anos 90. Sabe-se de maneira informal que a banda Desunidos, do estado da Paraíba, assume-se “anarco-punk” no ano de 1987, em sua fala e postura nos palcos.

O Movimento Anarco-Punk nasce da vontade de alguns jovens já envolvidos com a música punk de ir além da música contestadora, do visual e das brigas entre gangues. Dessa iniciativa nascem as primeiras células, com intuito de discussões de uma agenda política dentro do Movimento Punk que existia até então.

O artigo “Uma História Oral do Anarco-punk em São Paulo” publicado pela revista Vice, traz alguns aspectos que levaram os punks a buscar ultrapassar o que até então era o Movimento Punk no Brasil (RIBEIRO;2018):

No dia 26 de dezembro de 86, num rolê na Praça Roosevelt junto com um compa, fomos atacados pela Funeral Punk. Fomos roubados e espancados. Tive uma perfuração no pescoço e outra no ombro, o nariz quebrado e a jaqueta roubada. Fui pra casa, do Centro até o Bom Retiro, a pé. Meu amigo conseguiu correr pro outro lado. Com a camiseta toda ensanguentada, fui embora puto da vida, pensando “Porra, se isso é ser punk, então eu não sou punk. Vão tudo se foder!”. Fiquei assim durante um tempo, evitei os rolês no Centro. Passado o trauma e a dor, eu fui me recuperando. Continuei na cena punk, evitando lugares de risco para alguém que, sendo punk, não andava em gangues. Mantinha os contatos com movimentos anarquistas e, também, com punks, do Subúrbio, da City, circulando em meio a todos sem participar efetivamente de nenhuma banca. Na condição de punk e anarquista, eu propunha ações em conjunto com os punks das gangues. Realizamos, em janeiro, o evento Anarquia, Arte & Poesia, no qual, à Praça Ramos, levávamos poesia e desenhos em varais literários e artísticos e passávamos o dia dialogando com a população. O evento acontecia ao longo dos quatro sábados do mês.

Depois, passamos a organizar o Ciclo Antimilitarista, também na Ramos, ao longo de quatro sábados, discutindo violência policial, ditadura, luta antinuclear. Nessa época, misturava-se o pessoal da COB, do CCS, da Juventude Libertária, Punks do Subúrbio e da City. Logo, nós não tomamos contato com a vertente anarcopunk, nós criamos essa vertente. Tem um panfleto antológico dos Punks do

Subúrbio, chamado "Movimento Punk em Busca do Anarquismo", feito pelo amigo Birimba. Nele, é externada a busca do punk pelo anarquismo. Em 87, no 7 de setembro, ocorreu uma brutal repressão à passeata antimilitarista. Houve muitas prisões e torturas aos punks. Na sequência da repressão, fui na Galeria do Rock procurar o pessoal que tinha sofrido a repressão. Creio que, naquele momento, durante uma reunião em pé na Galeria do Rock, nascia em Sampa o anarco-punk. Foi quando nós, anarquistas, procuramos os Punks do Subúrbio para propor união e parceria.

A busca de informações sobre o anarquismo leva punks a células (coletivos) de pensadores que já faziam discussões sobre tal pensamento. Um desses espaços que vinha sendo frequentado por punks era o CCS (Centro Cultural Social), criado em 1985. Devido ao conflito de gerações - pois, até a chegada dos punks, aqueles espaços eram frequentados por pessoas mais velhas -, os punks começaram a formar seus próprios coletivos anarquistas.

Os primeiros coletivos criados pelos anarco-punks foram o NAAR (Núcleo Anarquista Ação Radical), a JuLi (Juventude Libertária) - surgida após o rompimento dos punks com o coletivo Juventude Libertária da COB (Confederação Operária Brasileira), o MAP (Movimento Anarco-Punk) e o KRAP (Coletivo de Resistência Anarco-Punk).

Organizados nesses coletivos, os punks começam a fazer manifestações políticas, a produzir *fanzines*, promover aberturas de bibliotecas comunitárias, montar bandas e organizar palestras anarquistas, entre outras iniciativas. Com isso, o Movimento Anarco-punk se torna um grupo com forte atuação política, e que influencia punks de outras cidades e estados.

Com a politização do movimento trazida pelos anarco-punks, acontece uma ruptura entre o Movimento Punk existente e o Movimento Anarco-Punk. Antes dessa ruptura, houve a tentativa de união entre todos os punks, mas

sem resultado, fato cuja origem pode estar no fato dos Anarco-Punk proporem a desconstrução de qualquer forma de preconceito (Ribeiro, 2018):

No começo, os punks mais politizados, mais radicais, ouviam hardcore. Criou-se uma repulsa pelo punk rock porque achávamos que era um som que representava aquele pessoal de gangue. Era uma ruptura estética, musical e conceitual. Falo do hardcore europeu, não conhecíamos ainda o hardcore americano. Conhecíamos o sueco, finlandês, e nos identificamos porque achávamos que eles davam uma mensagem mais crua, um choque estético maior. Era o pouco que nos chegava. E o termo "anarcopunk", a primeira vez que ouvi foi de um cara da França, de uma banda chamada Nuclear Device. Certa vez ele veio ao Brasil, e era ligado à AIT de lá. Na época a COB estava muito ligada à AIT da França, da Espanha, e estava até conseguindo apoio financeiro. Esse cara veio aqui dar uma palestra e disse que era anarcopunk, explicou que se tratava de um punk militante com ideias anarquistas. Era o que procurávamos.

A politização dos punks trouxe para o movimento pautas de lutas, como a igualdade racial, a diversidade de gêneros, a libertação animal, ecologia, a luta antimanicomial, e a anti-homofobia, entre outras. Um fato interessante que merece nota é que o Movimento Anarco-Punk esteve envolvido na organização da primeira Parada do Orgulho LGBT, até então com o nome de Dia do Orgulho Gay, no ano de 1997.

Após a fase embrionária do movimento, ele começou a ser expandido para todo o país e continua ativo. Hoje há anarcopunks envolvidos em movimentos sociais que desenvolvem atividades em prol dos indígenas, em movimentos negros lutando por igualdade racial e contra o genocídio da população negra, em coletivos feministas e LGBTs, entre outros por todo o país.

2. Justificativa

O movimento punk começou na periferia de São Paulo, tendo como primeiros punks pessoas de diversos bairros periféricos, hoje encontra-se por todo país, tendo como adeptas do movimento pessoas oriundas de diversas regiões do Brasil.

Shows de punk não acontecem mais apenas nas periferias das grandes capitais brasileiras, mas por todo o país, e com isso cada vez mais outras pessoas têm envolvimento e participação nos shows e outras atividades desenvolvidas dentro do movimento punk.

O envolvimento com o movimento punk mostra-se algo determinante na formação da identidade das pessoas que têm ou tiveram algum envolvimento com o mesmo. Nas conversas informais que tivemos com alguns deles, os mesmos mostram que isso gerou uma metamorfose em sua identidade, o que resultou em emancipação.

O conceito de identidade que trataremos neste trabalho é baseado em Ciampa (2007), que apresenta a identidade como a consequência das relações do indivíduo. As condições em que essas relações se dão é algo importante nesse processo, pois o punk tem que se comportar como tal para ser punk. Nas relações, a identidade do outro reflete na minha e a minha, na do outro.

A identidade é algo mutável, em processo contínuo de construção, e não algo acabado, que resulte em uma identidade finalizada (construída). A mesma está em um contínuo processo de construção, sendo ela metamorfósica.

A emancipação trazida pelo envolvimento com o movimento punk mostra a possibilidade dos punks se relacionarem com o mundo externo e de criarem opiniões sobre o que se vive, observa e é criado com um pensamento crítico. Com essa pesquisa, será observado se isso se repete com outros atores do movimento punk.

3. Objetivos

3.1. Objetivo geral

O estudo tem como objetivo observar a influências na produção da subjetividade em pessoas que têm ou tiveram algum tipo de envolvimento com o movimento punk. Com isso será possível notar se o contato com o movimento punk reflete na identidade desses, além de entender como esses espaços podem nos ajudar a pensar como se dá a formação de identidade. O objetivo geral da pesquisa, portanto, é analisar se tais manifestações político-culturais produzidas na periferia têm influência na produção da subjetividade do ser que tem envolvimento com tal.

3.2. Objetivos específicos

- Entrevistar um ator social emblemático do movimento punk paulista, para que possa ser feita uma análise sobre os efeitos de sua participação e envolvimento com o movimento punk em sua identidade. Essa entrevista traz a possibilidade de chegar perto, conhecer o outro e seu cotidiano para ter uma visão mais objetiva do outro e assim conhecer seus pontos de vista e seu lugar de fala (Spink,2008).

4. Metodologia

Após o levantamento de material bibliográfico sobre o movimento punk, será feita a análise de como a participação e o envolvimento com o movimento punk refletem na produção de identidade. A mesma será feita com atores sociais que são ou foram punks e tiveram algum tipo de envolvimento com o movimento punk paulista; essa questão levantada diz muito sobre o papel dos movimentos culturais da periferia e, em especial, sobre o punk na construção da identidade.

Como ferramenta de coleta de dados, usaremos observação de campo (shows e locais de convívios) e entrevistas. Durante o processo e após o final do levantamento de dados, pretendemos usar medidas qualitativas para fazer o estudo, pois tratam-se de questões muito particulares e que não podem ser quantificadas (Minayo, 1998). Para responder à questão que originou essa pesquisa, serão usadas medidas qualitativas, a saber, a observação participativa a partir de trabalho de campo e de uma entrevista com um ator social emblemático.

O método qualitativo, segundo Richardson (1999), “pode ser caracterizado como a tentativa de compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos”.

Como ferramenta para o levantamento qualitativo serão feitas uma entrevista e observações de shows e outras intervenções realizadas por atores do movimento punk.

4.1. Repertório teórico

4.1.1. Sujeito

Para a pesquisa será selecionado um ator social emblemático do movimento punk, cuja característica principal é seu vasto conhecimento sobre o movimento, por conta de seu envolvimento e participação no mesmo. Após a seleção do entrevistado, será realizada uma entrevista aberta semiestruturada. Esse método de entrevista será usado com o objetivo de alcançar aspectos da construção de identidade que não poderiam ser notados em uma entrevista com perguntas fechadas.

4.1.2. Identidade

O movimento punk é um espaço em que se dão muitas relações sociais; é a partir delas que pensaremos quais suas consequências na formação de identidade do ser.

Pensaremos na identidade como um processo em que todo indivíduo encarna suas relações sociais e, a partir disso, passa a configurar (formar) uma identidade pessoal. Essa identidade tem uma história e um projeto de vida que concretiza uma política, dando corpo a uma ideologia (Ciampa,2008,pg 127).

Segundo o autor, a identidade não é algo fixo e está em constante metamorfose. Nesse processo de metamorfose é representada a vida, visto que, ao morrer o antigo ser, nasce o novo. A identidade como algo concreto sempre está se concretizando. (Ciampa,2008, pg198).

A forma de pensar a identidade do autor traz luz sobre o tema do trabalho, que é pensar o papel do Movimento Punk na produção da identidade, visto que ser punk pode ser entendido não como o total da identidade, mas como parte dela, assim como o nosso nome é parte do que somos. Com isso, também podemos pensar em como essa subjetividade é expressa

(Ciampa, 2008, pg145). Para entendermos a identidade, precisamos entender o processo no qual ela foi produzida.

Ao falar sobre identidade devemos olhar para a importância que as relações sociais têm no seu processo. Baseado nos autores Berger e Luckmann (1983), entendemos que é “a partir dessas interações que o indivíduo se constitui enquanto ser no mundo”, e que isso se dá devido à socialização primária e secundária.

O envolvimento com grupos sociais faz com que a identidade política do indivíduo seja desenvolvida; para o desenvolvimento dessa identidade, é necessário que o mesmo busque associação com grupos, com ideais e com causas.

Isso ocorre quando o indivíduo se associa ao Movimento Punk: se juntar a esses grupos faz com que o mesmo participe de projetos de vida autônomos do grupo e crie seu próprio projeto de vida, o que por sua vez leva à emancipação.

Essa identidade não é formada de maneira inócua. Para a formação da identidade punk, o ser é dependente da organização “Movimento Punk”, ao passo que elas com seus conteúdos definidos constituem a política da identidade daqueles que fazem parte.

O punk como identidade de muitos jovens surgiu na Europa e Estados Unidos da América no final dos anos 70 e início dos anos 80, chegando no Brasil alguns anos depois e conquistando muitos adeptos nas grandes cidades do país, em especial São Paulo. Tal identidade é expressada com a incorporação de uma estética visual, musical e de transgressão, que pode ser entendida como transgressão contra o momento vivido pelo Brasil no período

pós-Ditadura Militar. Para entendermos a identidade, precisamos entender o processo no qual ela foi produzida.

O início do movimento punk em nosso país esteve muito ligado à violência, às gangues punks, ao visual, às drogas e à música. Mas isso foi se transformando com o passar do tempo; a produção da identidade punk não se esgotou como produto e vem sofrendo metamorfose com o passar dos dias. Essas transformações na identidade punk acabam levando a transformações na consciência do que é ser punk, pois não se pode pensar que as pessoas estão no punk, mas sim, que são punks!

O padrão estético e a violência atribuída aos punks que foram criados inicialmente como forma de identificar o outro, foi dando lugar a outras formas de identificação - por exemplo, o padrão estético permaneceu, mas a violência das gangues começou a dar lugar a uma agenda política anarquista.

Com o ideal político anarquista adotado, a violência ligada às gangues punks passa a dar lugar a lutas sociais, mas mesmo assim a violência ligada ao movimento não é extinta. Os subgrupos que passam a se formar no movimento punk têm como intuito a discussão de questões como o anarquismo, antirracismo, feminismo, sexismo, libertação animal e homofobia, entre outras questões ligadas à realidade objetiva que aquelas pessoas viviam e vivem, como citado pelo entrevistado J, em artigo sobre o Movimento Anarcopunk em São Paulo para Revista Vice:

“Nós éramos os punks que não estavam nem aí pra briga, mas que estavam construindo coisas. Ali nós ainda não nos definíamos com o nome do coletivo, mas já estava a um passo disso, porque todo mundo se identificava como “punk anarquista”. E essa diferenciação, ainda que por identidade ela tenha sido muito boa, para os demais punks não era..”(Ribeiro,2018)

O movimento punk aparece como ferramenta de formação de identidade de muitas pessoas, o repertório visual, ético e político trazido pelo mesmo é incorporado por aqueles que são punks, a partir da realidade em que esses estão inseridos e da luta do movimento punk.

Ao pensar que a luta do movimento punk é parte da identidade daqueles que o compõem, é preciso pensar qual é essa luta e como a identidade que é construída de forma metamorfósica leva à emancipação do ser.

A luta do movimento punk a que nos ateremos neste trabalho é a luta do Movimento Punk organizado, que começa com um grupo de pessoas que se reuniam formando gangues e trazendo a ideia da incorporação de uma estética em conjunto com a música e a transgressão, formando um movimento de contracultura, chegando aos grupos que conservam os elementos já citados, mas que adicionam o ideal político ao movimento.

Esse trabalho tem como objetivo pensar a subjetividade como a afirmação e a negação da identidade, pensando neste vir-a-ser punk e em como os punks constroem suas experiências a partir no envolvimento com tal. Para isso, pensaremos a identidade como algo mutável e em processo inacabado de construção.

4.1.3. Subjetividade

A pessoa adepta do movimento punk está imersa nas mesmas relações sociais que outros punks, mas a subjetividade de um não é a mesma do outro, pois cada um expressa sua singularidade, o que distingue um punk do outro.

Numa relação dialética com a objetividade, a subjetividade aparece como algo interno do sujeito, a objetividade refere-se ao que é externo (GONZALEZ REY, 2005, p.19 apud DA SILVA, 2009, p.3)

Um sistema complexo capaz de expressar através dos sentimentos subjetivos a diversidade de aspectos objetivos da vida social que concorrem em sua formação.

Essa interação dialética entre as interações internas e externas que somos expostos é o que forma a nossa singularidade.

Gonzalez Rey escreve sua definição de subjetividade apoiado nas ideias do psicólogo russo Leontiev, mas com algumas diferenças pois, segundo Leontiev (1978), subjetividade refere-se ao processo pelo qual algo se torna constitutivo e pertencente ao indivíduo; isso ocorre de tal forma que esse pertencimento se torna único, singular.

A função de situar o homem na realidade objetiva e transformá-la é uma forma de subjetividade. Posto que se partirmos do pressuposto que as influências externas provocam diretamente em nós, em nosso cérebro, a imagem subjetiva, imediatamente surge a questão de como essa imagem parece existir fora de nós, fora de nossa subjetividade, ou seja, nas coordenadas do mundo exterior.(Da Silva,2018).

Segundo Gonzalez Rey, é a subjetividade que torna o indivíduo único, singular. A subjetividade funcionando como processo do psiquismo traz a possibilidade ao indivíduo de apropriar-se “das produções humanidade”.

Olhar para o movimento punk como parte da formação subjetiva nos faz pensar como relações sociais constituem a singularidade do indivíduo. Para olhar para essa constituição psíquica, temos que observar como se dão as relações sociais no movimento punk, para começar temos que falar da relação entre bandas e público, nela existe uma relação horizontal, onde banda e público estão em um mesmo espaço de pertencimento.

A metamorfose da identidade tem como papel possibilitar a autonomia emancipatória do ser. Algo muito presente no movimento punk é o conceito “Do It Yourself” (Faça você mesmo), que traz autonomia aos punks, visto que para organizar um show, protesto ou outra atividade, basta que ocorra a organização entre os pares, não necessitando de um provedor único.

5. Análise dos dados

Após a escolha do sujeito para a investigação fizemos o contato com o mesmo e marcamos a entrevista. A escolha se deu pelo fato de nosso entrevistado ser alguém que está em envolvimento com o Movimento Punk há muitos anos, o que o torna um ator emblemático, que é alguém com vasto conhecimento e participação no nosso campo de pesquisa. O encontro aconteceu durante um evento de debate. O tema era “Da democracia à liberdade”, e contou com participantes e articuladores de um coletivo anarquista vindo dos Estados Unidos da América (EUA) chamado “Crimethinc”.

O ator emblemático foi escolhido em razão de sua participação e envolvimento no Movimento Punk. Sua vivência oferece elementos que podem confirmar ou não a hipótese da pesquisa. Após apresentado o objetivo da conversa e os fins de uso acadêmico, a autorização foi concedida.

A entrevista teve início com um pedido de apresentação para o participante: quem ele é, pergunta importante para quem quer estudar a identidade, devido ao gesto de se pensar a identidade a partir da representação de como nos veem e de como nos apresentamos. O entrevistado declarou que sua identidade (quem ele é) está ligada às suas atividades; assim, elas são o ponto de partida para a sua apresentação.

O entrevistado, J., apresenta uma questão recorrente em discussões sobre identidade: o fato de os indivíduos pensarem em si mesmos a partir do imaginário e do que é conhecido pelos outros.

Bem difícil, porque é bem mais fácil alguém te definir do que você se autodefinir. Não existe uma busca por autodefinição, né? Até porque ela pode

parecer um pouco presunçosa: analisar quem você é... Posso falar um pouco das coisas que eu faço, e talvez isso defina um pouco de quem eu sou.

O envolvimento de J. com o Movimento Punk trouxe inúmeras vivências, construções e desconstruções ao longo dos últimos trinta anos. Seu envolvimento com coletivos anarquistas fez com que o mesmo conseguisse pensar em formas alternativas de viver, no intuito de produção de autonomia.

Atualmente, apesar de estar envolvido há muito tempo com coisas que construíram quem eu sou, eu estou envolvido no punk há mais de trinta anos, com o anarquismo. Nessa história, muitas coisas aconteceram, muitas coisas foram construídas e muitas destruídas, mas atualmente eu participo do coletivo “Cultive e resistência”, é um coletivo que visa apoiar várias frentes de luta e de ferramentas de luta. Moro no meio da floresta, depois de passar quase a vida inteira morando em São Paulo. Adoro música, gosto de tocar, toco sempre com bandas que têm essa proposta de trazer questionamentos, proposta de uma vida alternativa, autônoma. Sou vegano, gosto de animais, gosto de trocar experiência com os animais, me permitir conhecer por eles, conhecer eles, isso tem sido bastante intenso morando no meio do mato, no meio da floresta. Acredito em outro mundo totalmente diferente desse que a gente vive, pelo menos dessa forma autoritária que o capitalismo aprisiona a gente. Acredito num mundo livre.

Investigamos se a participação no Movimento Punk é produtora de autonomia e como pode levar à busca por emancipação. J. conta que o primeiro contato com o Movimento Punk se deu na adolescência. Segundo o respondente, é uma fase da vida em que “não pode ser nada”: não pode ser adulto, nem criança. A identidade se encontra na mesmice, momento em que aparentemente não está ocorrendo uma metamorfose, quando na realidade está havendo um movimento de reposição de identidade, o que mostra que a identidade não foi cristalizada, como notado na ideia de Ciampa (1987) que “propõe que a identidade é necessariamente um processo de metamorfose”.

Ao ver que um adolescente podia ser punk, o entrevistado notou que poderia sair do processo de mesmice e ser punk.

(...) quando eu era adolescente, acho que eu tinha treze, quatorze anos, eu morava em Salvador na Bahia e vi passar na minha rua uma pessoa que tinha um cabelo moicano. Na época, eu não sabia que era moicano, era cabelo espetado, e na camiseta dele tinha um “A” pichado de anarquia. Achei aquilo no mínimo curioso e, nessa fase da adolescência, da nossa adolescência, principalmente nos anos oitenta, era o estágio do nada. A gente costumava dizer que na adolescência você não podia mais brincar mas, também não podia ser adulto, então você só esperava o momento em que você podia ser algo. Dá uma grande sensação de vazio mesmo e, quando eu vi aquela pessoa que parecia ter a minha idade andando na rua de cabelo espetado com uma bota e um monte de corrente pendurada, lentamente eu fui me aproximando e descobri que era um punk. (J., transcrição da entrevista)

O primeiro contato com o Movimento Punk apresentou a J. os elementos necessários para ser punk, que vão desde elementos estéticos até a militância política. Assim, desejoso de se tornar punk, nosso entrevistado passou a buscá-los na intenção de sair da mesmice que se encontrava, visto que continuar a ser adolescente trazia a reposição da identidade que pode ser pouco perceptível.

Para ultrapassar esse momento, nosso entrevistado deixa ser o *J.-adolescente* e se torna o *J.-adolescente-punk*. O entrevistado sublinha o evento como o grande marco de sua vida, uma vez que esse momento trouxe sua busca por autonomia e emancipação frente a tudo que lhe era imposto, pois aquele momento de metamorfose de identidade foi algo que o mesmo escolheu viver. Tais momentos levam a uma transformação de consciência e trazem maiores condições de emancipação.

(...)porque o punk sempre teve essa coisa ‘nós não fazemos um show, nós fazemos uma militância, um protesto, um desabafo’, eu fui com aquele punk, tentei copiar ao máximo a estética que ele tinha, mas eu não tinha as mesmas coisas que ele tinha, então peguei uma bota de obra, uma calça apertada, tinha uma camiseta branca que risquei de caneta BIC um “A”, e fui. Cheguei lá e posso

falar que foi o momento que mudou a minha vida completamente, porque eram pessoas da minha faixa etária e com as mesmas necessidades de se entender mesmo, e o punk me deu isso, fez que eu entendesse que podia fazer qualquer coisa. Eu podia montar uma banda, escrever um zine, viajar, eu podia ser o que eu quisesse e aquilo era suficiente, era autossuficiente. Desse show - não era show (risos), era desabafo cultural -, eu voltei pra casa com mais três fitas cassetes de bandas locais e mais um monte de *fanzine*. (J., transcrição de entrevista).

J. já tinha ido ao primeiro show punk, e em seguida integrou a organização de outros shows e atividades. Notou a forma horizontal com que as relações se dão dentro do Movimento Punk, que é diferente de outros eventos musicais em que predominam a hierarquização na relação artista-público. Na relação horizontal do punk, alguns fragmentos de emancipação são perceptíveis, pois o público de um show punk também é composto por outros músicos, que também produzem *fanzines* e outros materiais relativos ao meio. Assim, o circuito apresenta independência no que tange à produção, além da possibilidade de participação descentralizada e não hierárquica.

Já estava nesse processo de organizar junto, porque o punk tem uma coisa muito forte de que você não pode ser o telespectador né? Você também pode ser o telespectador, mas não só. Você é telespectador quando está vendo algo, mas você troca de lugar de forma bem horizontal, então aquele que assiste o show é o que toca na próxima banda e vice-versa, ou que escreve um *fanzine*, que faz uma matéria ou tem uma distribuidora ou monta revistas, jornais... Quando eu voltei com tudo aquilo pra minha casa, e vendo que a pessoa que escrevia o *fanzine* relatava o sentimento e a indignação que ela tinha, eu falei: “Eu posso fazer isso e, se eu posso, eu vou fazer isso, tenho que usar isso que eu aprendi a partir desse momento”. Daí pra frente, eu sempre me vi carregando equipamento, sempre escrevendo *fanzines*, sempre lendo *fanzines* das pessoas, ajudando bandas em tour, ajudando pessoas que estão fazendo palestras em tour... Foi assim o começo que se seguiu.

Uma mudança de cidade, em meio aos momentos de descobertas e vivências que aconteciam com o grupo punk de que J. participava, trouxe a necessidade de continuar a busca de elementos para a continuidade no

processo identidade-metamorfose em busca da superação da mesmice. Essa busca é o que é definido por Ciampa (1987) como sendo a mesmidade. Na mesmidade, existe a busca por ser outro, fato que não exclui o ser já existente. Nesse momento, há a articulação entre a consciência e a atividade. A chegada a uma nova cidade trouxe uma problemática ao entrevistado, uma vez que ele já não encontrava no outro aquilo com que se identificava. Segundo o respondente, aquilo que os punks paulistas buscavam era diferente do que ele conhecia por punk.

Meu pai é do sertão da Bahia. Sempre e desde muito jovem ele trabalhou em obras, trabalha até hoje, ele tem setenta anos e continua trabalhando em obras... ele sempre era transferido de um lugar para outro, quando estava em estados próximos de Salvador, ele ia, passava um mês, dois e voltava. Quando ele foi transferido para São Paulo, achou que era importante que a família fosse e a empresa pagou toda mudança pra gente vir para São Paulo. Pra mim, foi muito ruim sair daquela realidade, em que eu estava ali conhecendo as pessoas do punk no meio da adolescência, mas também tinha um desafio de encontrar novos punks, porque aquilo era minha vida naquele momento, eu só estudava e não fazia mais nada da vida, então, precisava manter o punk vivo... (J., transcrição de entrevista)

A mudança para São Paulo fez com que o entrevistado descobrisse um Movimento Punk diferente do que conhecera em Salvador. Conheceu punks diferentes dele e de seus amigos, que buscavam autonomia frente a uma indústria musical, a uma sociedade que lhes ditava como ser e se comportar. Para isso, usavam de sua inquietação, rebeldia e vontade de produzir para ultrapassar e quebrar essas imposições. Os punks de Salvador não eram como os punks do Centro de São Paulo. Para J, ser punk diferia das atitudes transgressoras realizadas nos finais de semana e testemunhadas por ele na nova cidade, pois aquelas atitudes eram um movimento transgressor frente à sociedade da época, mas não uma atitude que o libertaria.

Por discordar de tais posturas, e não acreditar que fosse um caminho à emancipação, decidiu isolar-se até encontrar punks de pensamento semelhante. O uso da violência dentro do Movimento Punk foi algo que afastou J.. Isso fez com que nosso entrevistado se questionasse sobre o uso da mesma; o uso da violência por punks em São Paulo era algo que os estigmatizava, com isso alguém estigmatizado não poderia agir diferente, ou seja, ser punk é ser violento. Em busca de não ter sua identidade cristalizada J. afastou daquele grupo em busca de uma identidade emancipatória:

(...) as pessoas que eu encontrei ali no punk pareciam estar umas contra as outras e eu já não sentia mais aquela inquietação, aquela rebeldia, aquela vontade de produzir que eu conhecia e queria manter dentro de mim. Mesmo assim eu tentei, fui em um lugar e outro. Logo depois, fui a um encontro de punks em que acabaram assassinando um punk a facadas, e aquilo me fez falar não. Esse não era o mesmo punk que eu conheci, em que eu acreditei. (...) o punk pra eles era mais um desabafo, uma coisa de final de semana, e aquilo não me contemplava de forma alguma, então passei a me isolar bastante, até o dia em que comecei a encontrar algumas pessoas que já estavam se ligando mais a essa coisa do anarquismo no punk. (J, transcrição de entrevista)

Ao encontrar punks que compartilhavam desejos parecidos com os punks que ele tinha conhecido outrora, o entrevistado recuperou o lugar em que gostaria de estar. Consequentemente, voltou a participar de grupos, cujo trabalho focava a autonomia a partir da educação, da igualdade racial e da construção de uma alternativa à sociedade vigente. Com isso, surge uma política de identidade definida pelo próprio grupo.

Conforme o conceito de política de identidade apresentado por Ciampa (2002), a associação a grupos que se engajam na luta por causas, por ideais, não faz com que o indivíduo tenha sua identidade cristalizada, pois essa associação faz com que o mesmo desenvolva uma identidade política que

permite a ele exercitar a autonomia devido ao seu processo de individualização.

Quando eu encontrei essa galera, eles queriam produzir, fazer coisas, organizar shows, escrever *fanzines*, escrever jornal... A gente queria produzir muita coisa, e montou diversos coletivos que produziam informativos mensais, começamos trabalhar com os grupos de afinidade, construímos o “Anarquismo contra o Racismo”, um coletivo que existe até hoje e trabalha questões raciais dentro da ótica anarquista. Isso foi muito forte pra mim: eu me vi produzindo, e pensei que essa é a rebeldia que eu quero, a vida que eu quero. Quero trabalhar com educação, trabalhar realmente com a construção de uma alternativa a esse mundo em que a gente vive hoje. (J, transcrição de entrevista)

Em busca de construir uma alternativa ao Movimento Punk de São Paulo, o grupo de J. buscou conhecimento dentro do Movimento Anarquista. Esse, por sua vez, era formado por estudiosos do anarquismo, e não por punks. Aqueles punks passaram a ser “anarcopunks”. A partir de tal ponto, é possível olhar a identidade de J. sofrendo uma nova metamorfose. Ela não é algo que se formou e se tornou acabada quando J. teve o primeiro contato com os punks em Salvador, ou até mesmo antes, quando J. nasceu e se tornou o filho do trabalhador da construção civil, nem quando deixou de ser um jovem punk para se tornar anarcopunk, já que se trata de um processo contínuo e inacabado. A identidade não é algo cristalizado, visto que sempre está em metamorfose, e é essa plasticidade que possibilita a construção da nossa singularidade, da nossa identidade e, com isso, da possibilidade de vir-a-ser.

(...)então esse começo do anarcopunk estava ali, e realmente era um aprendizado, porque nós carregávamos as teorias anarquistas de uma forma muito pura e tentando ir atrás dos velhos, indo no “Centro de Cultura Social” sedentos por informação. Se tinha atividade no “CCS”, a gente lotava, chegavam lá todos os anarcopunks e sentavam para ouvir o Jaime Cuberos, o Martins, que eram os velhinhos que brigaram com os fascistas na Praça da Sé em 1932, que escreveram milhares de coisas... A gente estava lá sedento por informação, então, quando encontrei essa galera que estava junto e falando “a gente agora”, isso era o comecinho do que

as pessoas estavam denominando como anarcopunk. (J, transcrição de entrevista)

O grupo anarcopunk que integrava pretendia apoiar movimentos sociais cuja bandeira fosse a mudança do *status quo* e a propagação das lutas de minorias. Isso ocasionou várias relações entre anarcopunks e não-anarcopunks, algo importante no conceito de identidade trazido por Ciampa (1987), visto que a identidade se dá como consequência das relações, e dividir os espaços em que operam os iguais e os diferentes.

(...) A gente tinha um movimento anarcopunk que era muito único no mundo inteiro, uma contestação muito mais social do que cultural, e estávamos dispostos a nos aprofundar em diversos temas, racismo, a luta antirracismo, a luta por igualdade de gêneros, questão indígena, questão racial, sexualidade, tudo isso. Falamos: 'A gente quer estar em todas essas lutas', que são lutas de minorias, lutas do povo, e a gente decidiu estar junto. E a música era uma ferramenta que a gente tinha e que veio de dentro da cultura punk, e essa coisa da gente estar junto da organização do que na época se chamava "Parada Gay", a gente era visto muito como a força bruta da parada: 'os anarcopunks estão aqui porque eles saem na mão e saem na treta com a direita'... Quando nós chegávamos nas reuniões, sempre tinha festa: 'chegaram nossos guardiões' (...) (J, transcrição de entrevista)

A participação e engajamento com o Movimento Anarcopunk fez com que J. continuasse a se envolver em causas sociais, além de continuar participando de produções independentes. Daí surge a ideia do apoio mútuo entre aqueles envolvidos com o punk, com a ideia do consumo sustentável, em prol da emancipação e da conquista de autonomia. O apoio abrange o lançamento de discos e livros punks, e ajuda na realização de turnês de bandas e ir a shows, entre outras ações, como pode ser verificado:

(...) Sempre acreditei que é muito importante apoiarmos nós mesmos. Se a gente não se apoiar, ninguém vai nos apoiar, e eu nem acho que a gente precisa de outros apoios, mas acho que é muito importante que a gente coloque aquilo que a gente acredita em xeque. Se a gente acredita, a gente tem que apoiar. Se existe uma banda de pessoas como você, ela precisa de apoio, se existe um escritor que é seu amigo e acredita nas coisas que você acredita,

ele precisa de apoio, se existe uma banda em turnê ela precisa de apoio, se existe uma banda querendo lançar um disco, ela precisa de apoio. A gente fala tanto de apoio mútuo, né? De repente, é importante colocar isso em prática porque senão vira só falatório. Desde que eu entendi que eu conseguiria lançar um disco de uma banda, ajudar a banda de uns amigos, pensei: por que não fazer? A gente pode pensar que essas coisas custam caro, mas conta de luz e telefone também custam caro e a gente paga. Então, prefiro muita mais lançar um disco de uma banda de um amigo do que pagar uma conta de luz. Eu tive minha luz cortada muitas e muitas vezes, mas eu preferia lançar o Cenas Anarcopunks, uma coletânea que a gente fez com 10 bandas anarcopunks no Brasil, nos anos 90. (...)Acho muito importante que a gente pense sobre essa questão. Se a gente organiza um show e tem bandas ali tocando, elas precisam de apoio, porque elas precisam viajar para chegar ali e, se a gente dividir isso, um pouco por algumas pessoas, a gente consegue chegar nisso tranquilamente. Eu nunca vi uma pessoa que ficou rica com o punk. Você não vai ficar rico com o punk, você vai ficar rico com outras coisas que vão ser as próximas do punk, mas dentro do punk, você só vai gastar grana, você só vai perder dinheiro no sentido de gastar o seu dinheiro. Mas a gente perde dinheiro o tempo todo pagando conta de luz, internet... nisso a gente perde dinheiro, porque esse dinheiro não volta para os nossos amigos, não volta para as comunidades em que a gente está, ele vai para as mãos das grandes empresas. Você abastece seu carro e está abastecendo a Shell, quando você vai no show e paga R\$ 10 na entrada você ajuda o seu amigo que toca guitarra a comprar um jogo de cordas, a tocar de novo. É acreditar naquilo em que você está, sabe? Sempre achei que, por saber fazer isso, eu tinha que continuar fazendo isso. (J, transcrição de entrevista)

O entrevistado mostra a importância de um espaço de convivência, que o mesmo construiu junto a outros punks. De início, suas atividades aconteciam na periferia da cidade de São Paulo, depois chegaram ao centro e se fundiram com outro espaço já existente. São locais que podem ser considerados como de formação, pois neles se dão relações de grande importância ao conceito de identidade. O conceito de identidade apresentado por Ciampa (1987) na forma do sintagma identidade-metamorfose-emancipação apresenta a questão da individualização apoiada na teoria de Berger e Luckmann (1983/2008), em que essa se dá através da socialização primária e secundária, socializações que nos apresentam a ideia de que o

indivíduo se constitui a partir das interações sociais. Apoiados nessa ideia, podemos pensar que esses espaços culturais tiveram grande papel na formação da identidade de seus frequentadores.

(...)a gente tinha um Espaço Germinal, que começou na região do Grajaú, onde eu morei durante muito tempo. Depois, quando mudamos de cidade, tínhamos um sonho de chegar em mais pessoas, e a gente tinha uma proposta que as pessoas diziam que era muito legal, de um espaço que era um lugar vegano, com comida vegana, shows, debates, palestras, espaço para ensaiar um monte de coisas. As pessoas diziam 'isso é muito legal', e a gente notava que as pessoas queriam que aquilo continuasse existindo. Queríamos ir para o centro da cidade e fomos, para tentar chegar em mais pessoas. A cidade engoliu a gente na verdade, porque a gente estava acostumado com a periferia, e o centro da cidade é muito diferente. E a cidade foi engolindo a gente, e a gente fechou o Espaço e acabamos indo para o Impróprio, que era um espaço muito próximo e que tinha propostas bem parecidas com a nossa. E continuamos a fazer as mesmas coisas no Espaço Impróprio, que era exatamente isso, um lugar que as pessoas iriam ter como referência de encontrar aquilo que pra gente era tão difícil de encontrar nos anos 80. Se existisse nos anos 80 um espaço igual ao Espaço Impróprio na minha época, quando eu comecei no punk, teria sido muito importante também, porque lá a gente tinha biblioteca, comida vegana, espaço para ensaiar, espaço de show, lugar para debates, palestras e oficinas para você fazer o que quisesse... é um lugar que te fornece muita informação, e a ideia da gente ter esses espaços sempre foi essa. É um lugar em que você aglutina, um lugar que te fornece muita informação, e a ideia de ter esses espaços sempre foi essa, de ter uma aglutinação que as pessoas pudessem usar para levar para as vidas delas. (J, transcrição de entrevista)

O Movimento Punk se diferencia de outros movimentos culturais pelo fato de a pessoa poder participar dele como quiser. Seja como público ou banda. A formação de um grupo musical punk não prescinde de conhecimento musical formal ou teórico, pois a prioridade é o conteúdo lírico de protesto. A posse de instrumentos, em geral uma barreira para artistas com restrições econômicas, no punk é compartilhada entre várias pessoas, e há até mesmo os que são construídos artesanalmente. Por conseguinte, é possível afirmar que o punk produz autonomia ao ser, visto que concede liberdade de ser ao

indivíduo: ele pode ter banda, escrever *fanzines*, ser público, ou tudo ao mesmo tempo, em alinhamento com a intenção emancipatória de ser punk.

(...) O punk te empodera mesmo, ele fala que você pode, e não importa realmente se você não sabe tocar, você vai aprender e vai ter uma pessoa igual a você que vai poder te ajudar, e aquilo que você fizer é tão carregado de sentimento, de tantas verdades dentro daquele sentimento, que saber colocar as notas vira algo secundário. Você consegue ver bandas que conseguem transmitir tanta coisa tocando tão mal... É um sentimento tão único e tão forte que as pessoas gostam, porque é justamente por isso que elas se identificam, e é importante essa identificação, porque estar ali é onde você apoia. (...)Eu sei que não é assim hoje, mas quando a gente começou a tocar nos anos 80 e 90, era muito complicado conseguir um instrumento. Eu consegui comprar minha primeira guitarra por conta de um primo que me vendeu, e que eu paguei em sei lá quantos anos, mas eu tenho na minha casa um quarto aqui em que eu posso construir uma sala de ensaio, e as pessoas podem vir aqui usar minha guitarra pra ensaiar e fazer as suas músicas. Eu não fiz isso sozinho, mas com as pessoas que estavam junto com a nossa história, com a nossa comunidade. Pegamos um quartinho desse tamanho, arrumamos uma bateria de lata feita lá no Tatuapé, um amplificador com entrada de guitarra e baixo junto, arrumei mais um baixo e as bandas podiam ir lá e ensaiar e construir suas histórias. (J, transcrição de entrevista)

No Movimento Punk as relações são horizontais. Não existem detentores de conhecimento inquestionáveis que mostram “o que fazer” pra ser punk. Tal dinâmica se exerce na construção das relações, nos atravessamentos presentes nas trocas do dia a dia. Nessas relações o apoio mútuo é tido como essencial. Se ele se perde, a identidade do grupo vai junto, visto que o apoio mútuo torna a autonomia do grupo e individual possível e resulta na emancipação dos meios de produção, da sociedade capitalista, das grandes gravadoras.

O desenvolvimento de uma identidade política pautada nas relações de forma horizontal, assim como na igualdade de direitos e no exercício da cidadania, é parte essencial do processo de emancipação, pois assim se quebram imposições de padrões de comportamento.

(...)A gente tem que praticar as relações de forma horizontal mesmo. Não adianta você querer estar acima de ninguém, porque é nesse momento que o punk te ensina: se você está acima de alguém, basta esse alguém sair debaixo que você cai, e o punk te ensina isso a vida inteira. Algumas pessoas ainda não notaram. É a mesma coisa quando as pessoas estão gostando muito de uma banda. Chega um momento em que as pessoas falam ‘acho que essa está demais, talvez seja hora de a gente não gostar tanto’, e as pessoas destroem essa banda. E é muito normal quando uma banda que já está um pouco maior volta em determinado momento, porque o punk deixou de apoiar ela. Isso também é fruto de quando a gente começa a perder nossa identidade. Costumo falar que nos anos 90 a gente tinha os piores instrumentos, mas tinha muita coisa para falar. Hoje essa coletividade diminuiu muito. Hoje a gente tem instrumento muito melhores, mas muito menos para falar. (J, transcrição de entrevista)

J. discorre sobre suas atividades e como elas contribuem em sua busca por autonomia. Junto de sua companheira, é feita a gestão de uma distribuidora, que também funciona como selo, gravadora e editora de livros. O foco são materiais de viés anarquista, feminista e vegano, em um projeto anti-hegemônico, frente às grandes mídias e gravadoras, como alternativa na luta por emancipação. Assim, a produção, tanto de materiais e eventos, é de baixo custo, pois visa facilitar o acesso. Além do lançamento e distribuição de materiais, eles também promovem festivais de música e cultura, entre outros eventos. A organização dessas atividades é dada com a participação de outras pessoas, além do casal, tudo construído de forma horizontal.

Como podemos notar nesse trecho de nossa conversa, esse é um projeto de vida construída de forma consciente com a finalidade do exercício da autonomia e, por conseguinte, da busca pela emancipação. O olhar para o projeto de vida do sujeito faz com que tenhamos elementos que vão além da história de vida, para que possamos avaliar se há ou não fragmentos de emancipação, pois ao olhar para o projeto de vida de J., podemos notar que existe protagonismo em suas práticas de vida:

Vou falar um pouquinho sobre o *No God, No Masters*. A gente faz parte de um coletivo que se chama Cultivo e Resistência, um apanhado de estratégias em busca da autonomia. Dentro do coletivo, há a *No God No Masters*, nossa editora, selo e distribuidora de material ligado ao anarquismo, feminismo e punk. Sempre acreditamos muito nessa coisa do material feito pelos punks, pelos anarquistas, por mulheres, mulheres e feministas, bandas anarquistas, e em dar apoio a este material. A *No God No Masters* surgiu dentro desta proposta, de fazer com que essas bandas, essas meninas que estão escrevendo, essas pessoas que estão escrevendo, que têm seus discos lançados mas não sabem ou não conseguem distribuí-los, a ideia é o selo funcionar como um aglutinador dessas alternativas de distribuir esse material. É uma distribuidora dentro do punk, ligada ao punk, feita por punks e que dá suporte a pessoas como nós. Surgimos em 2011 e, há um tempo, começamos a ver essa coisa do boom da tecnologia, que chegou a esse ponto de coisas como o *Spotify*, que é um controle da música. Ele controla quem ouve, porque existe preço para isso. Quando você coloca preço nas coisas, você seleciona quem ouve e quem não ouve, e isso é totalmente contraditório com a proposta do punk. (J, transcrição de entrevistas)

A música e tudo o que é produzido dentro do Movimento Punk têm grande importância na produção da subjetividade punk, pois nesses materiais se encontram ideais que pautam a luta do movimento e com isso passa a fazer parte do projeto de vida dos seus membros. Em meio a indústria cultural e fonográfica, é possível se questionar sobre como o punk pode se manter autônomo e emancipado. J. declara que é possível e necessário se manter autônomo e livre da indústria, mediante variados procedimentos, dentre eles a não disponibilização de suas músicas em plataformas de streaming pagos, que limitam o livre acesso ao material por parte do público geral. A necessidade de manter-se fora da indústria fonográfica, literária e de entretenimento se dá pelo fato disto fazer parte do seu projeto de vida e das causas do grupo punk, isso faz parte da identidade política punk e está envolvida nas lutas por emancipação desse grupo social. Para manter o controle sobre suas produções são usadas plataformas que têm acesso gratuito e que garantem a liberdade dos autores e o livre acesso daqueles com

interesse pelo conteúdo, além da já citada disponibilização de obras e eventos a baixo custo.

O punk surgiu para ter controle sobre a própria música, e em resposta ao controle musical que era feito nos anos 60, 70. Ele surgiu para falar 'a gente pode fazer a nossa música, a gente quer isso popular, a gente quer que as pessoas ouçam e isso chegue às mãos das pessoas, a gente quer popularizar', e de repente a gente se deparou com diversas bandas, não colocando elas nessas plataformas, que criam um apartheid social, porque tem gente que não tem acesso a elas, ou não tem acesso à Internet como a gente, gente de classe social menos elevada, que não tem um aparelho ou não vai conseguir ouvir aquilo tão bem. Alguém pode dizer que dá para ouvir a versão gratuita, e pode, mas tem todo um processo ali para isso, inclusive recheado de propagandas que você não precisa, nem quer ouvir, e quando vejo uma banda que tem uma proposta muito legal e ela coloca lá 'estamos no Spotify', usando o logo do Spotify, fico pensando que é a mesma coisa que colocar apoiado pela Shell, apoiados pela Phillips, apoiados pela Coca Cola, e as bandas, e as pessoas que são amigos das bandas pagam por isso, então a gente entrou num processo de discussão que foi longo inclusive. A gente queria entender realmente por que as pessoas fazem isso e conversamos com muitas pessoas: por que você quer pegar a sua banda e colocar no Spotify? Coloca online, mas coloca no Bandcamp, no Souseek, coloca em outro lugar, mas disponibiliza isso para as pessoas. Ali elas vão poder escolher. Se o cara não tem grana, não pode ouvir no Spotify mas pode ouvir no Bandcamp, que é grátis e foi criado com a proposta de ser gratuito, pra ninguém ter o controle da música. O poder não pode ter controle sobre a nossa arte, muito mais sobre

a nossa revolta, o poder não pode ter controle sobre isso. Quando a gente pega nossa cultura, nossa revolta, e entrega pra eles e fala 'controle isso', a gente tá se vendendo e o preço tá muito caro.

(...) Eu acredito na questão da música punk, quando você vem aqui, vai em um lugar como esse, ou outro lugar que tá aberto pra você fazer alguma coisa, e as pessoas vêm ver você tocar e de repente, falam 'meu, tem um lugar em que você pode ouvir minha música, eu posso te enviar um mp3'. Eu ainda sou... eu gosto de disco, de pegar o disco, de abrir e ler o encarte, quero saber o que a banda está falando, mesmo que talvez eu não entenda, porque não entender tudo bem, não tem problema, mas eu gostaria de saber o que ela está falando, eu gostaria de ver por que ela escolheu um desenho, quero sentir tudo isso. Quando você coloca a música pra tocar num aparelho que fica dentro do seu bolso, você não tem acesso a nada disso, e agora se torna simplesmente a trilha sonora de uma outra coisa que você está fazendo na vida. Você não está compartilhando realmente, você não está pegando aquilo e falando 'poxa, olha aqui, isso é legal, isso é palpável', ela só é a trilha sonora daquele momento em que você está no ônibus, dirigindo para algum lugar ou trabalhando. Nossa crítica a essas empresas é que elas querem controlar nossa arte, e a nossa arte dentro do punk é a nossa revolta, e a gente não aceita que esse controle seja feito, e a gente tem que criticar, porque as pessoas que estão junto a nós talvez estejam iludidas com alguma coisa que essas plataformas oferecem, e que tem um preço muito caro. Elas estão dispostas a pagar? Se elas escolherem isso, tudo bem, talvez a gente não esteja do mesmo lado. (J, transcrição de entrevista)

Ao resgatar os encontros, relações e atravessamentos em que a identidade se dá, J. coloca o potencial metamórfico que acontecem nesses momentos, em que o movimento evoca questionamento sobre a sociedade e o outro, além do próprio autoquestionamento, essas práticas desenvolvidas estão relacionadas a identidade política de ser punk, como já citado anteriormente nesse momento a individualização se dá pois existem maneiras diferentes do ser punk, com isso o caráter emancipatório da identidade encontrasse presente. Tais trocas cotidianas impedem a identidade de permanecer estática, e assim a mesma sofre constantes transformações.

“Somos vivos...Mas nascemos sempre que erramos...”, fragmento da canção “Somos Vivos” da banda punk paulistana Cólera (1986), se conecta com o seguinte trecho da entrevista, e a constante metamorfose da identidade:

Conheço uma senhora indígena de setenta anos e ela fala assim, sempre que ela vai falar alguma coisa: ‘olha, eu não sei nada, estou aqui pra aprender’. Quando eu vejo aquela senhora, que é uma senhora do mato, que passou setenta anos vivendo no mato, com uma família gigantesca que ocupa essas terras, que luta, que é uma rebelde, quando ela fala ‘eu não sei nada’, eu imagino ‘e quanto eu sei?’ Claro que em um momento da nossa juventude e dentro um processo, a gente se coloca com um ar de superioridade, né? Depois de um tempo, você começa a se questionar. Talvez o que você saiba não seja muito, e aprender é uma coisa muito importante: o que você faz com o que você aprende é sua escolha, mas é importante aprender, e é essencial para que você consiga sobreviver de outra forma dentro desse planeta, porque se você não tiver acesso a esse conhecimento você vai destruir muito mais que construir. A nossa vida, o nosso **seco** aqui como ser humano é a destruição, a gente vem destruindo o planeta em linha reta o tempo todo, e se questionar faz com que você repense quem é você nesse mundo. Todo conhecimento, toda essa carga que você pode conquistar em um olhar, em toda conversa... desse momento aqui, entre nós dois, eu vou sair com mais conhecimento e me questionando quem eu sou e quem você é e construindo coisas novas o tempo todo, porque senão você fica estagnado. (J, transcrição de entrevista)

Ao final de nossa entrevista aberta, J., ao ser questionado sobre quem ele quer ser, me coloca a vontade de continuar sendo o *mesmo*, para nós que estamos estudando a identidade baseado em uma que é metamorfósica e emancipatória pode nos parecer um problema, mas não, visto que essa identidade sofre metamorfose até mesmo quando não ocorrem grandes mudanças, a identidade metamorfose apresentada por Ciampa (1987) é progressiva e interminável, e até mesmo quando aparentemente não estão ocorrendo grandes mudanças e está acontecendo o movimento de mesmice que é quando ocorre a reposição da identidade, na reposição está acontecendo a metamorfose necessária no processo de identidade.

Ser exatamente isso que eu sou, ser quem eu sou. Não acredito que eu vá ser uma pessoa livre, mas uma pessoa que luta pela liberdade.

É isso...

6. Considerações finais

Em nosso trabalho investigamos se o envolvimento no Movimento Punk possibilita a construção de identidade, baseado no autor da Psicologia Social Crítica³, Antônio Costa Ciampa pensamos a identidade como em construção progressiva e inacabada, a plasticidade da identidade possibilita ao indivíduo a busca por autonomia e emancipação.

O movimento Punk brasileiro que iniciou no final dos anos setenta, na cidade de São Paulo onde muitos adeptos se reuniam no centro da cidade advindos de várias regiões, nesse início o grupo não tinha uma causa política organizada, sendo um grupo de contracultura que confrontava a cultura e valores impostos pela sociedade da época.

Esse grupo sofria com o estigma que ligava os punks a violência e ao consumo de drogas, esse estigma é tido como algo cristalizante de identidade por alguns estudiosos do assunto, ou seja, para ser punk é necessário ser de uma gangue punk, ser violento e fazer uso de drogas, com isso o estigmatizado não pode agir de forma diferente do que é esperado dele (Goffman 1963/1988). Com o passar dos anos surge dentro do Movimento Punk, os Anarcopunks, que são punks que trazem uma nova forma de pensar como ser punk, esse grupo apresenta a necessidade do apoio às lutas de movimentos sociais, diferente dos primeiros punks eles buscam embasamento teórico anarquista.

³ Segundo Dantas, S. S. (2017).em seu artigo Identidade política e projetos de vida: uma contribuição à teoria de Ciampa, "Chamamos aqui de Psicologia Social Crítica a vertente da Psicologia Social fundada nos estudos de Silvia Lane na década de 1980, na PUC-SP e descrita por Lima, Ciampa e Almeida (2009) como uma psicologia social comprometida com a realidade brasileira e indissociada da práxis cotidiana. Lane e os demais pesquisadores da chamada "Escola de São Paulo" (nome pelo qual ficou conhecido o grupo de pesquisadores da PUC-SP) defendiam que a atividade teórica não devia ser vista como uma prática em si mesma e tinha que estar compromissada com os problemas sociais e os dramas pessoais existentes no contexto de comunidades e de nações específicas" (Lima, Ciampa, & Almeida, 2009).

Goddman (1983/1988) analisa a estigmatização como algo ruim para a identidade visto que isso pode minar autonomia, sendo uma “marca negativa” na mesma, já Ciampa mostra que o fato de participar desse grupo e ter a identidade definida pelo mesmo, não faz que o indivíduo tenha a identidade cristalizada tendo em vista que essa é orientada para a busca de autonomia, dentro do grupo também existe espaço para a individualização.

O Movimento Punk como um grupo social é um espaço onde a identidade política é construída, a identidade política é onde a igualdade e a diferença estão juntas. Sendo o Movimento Punk um grupo social, ele tem uma política de identidade definida, isso até pode nos parecer um problema, pois podemos pensar que essa pode ser uma forma de cristalizar a identidade daqueles que compõem o grupo, mas não, pois essa política de identidade é orientada pela busca de autonomia e com espaço para que possa se dar a individualização.

J. em nossa conversa falou sobre a participação do Movimento Punk e inúmeras lutas junto a movimentos sociais, nosso entrevistado junto com outros punks estiveram engajados em lutas pelas minorias, os mesmos participaram ativamente da construção da primeira “Parada LGBT”, na época chamada de “Parada Gay”, além da participação em coletivos contra o racismo, pela causa indígena, da luta antimanicomial, isso nos mostra que a associação a esse grupo o orientou na busca por autonomia e com isso a emancipação, algo que é de extrema importância para o conceito de identidade apresentado por Ciampa.

A história de vida de J. nos mostra que o seu envolvimento com o Movimento Punk o levou a construção de um projeto de vida baseado na luta

por autonomia e emancipação, esse projeto foi escolhido de forma consciente, em sua história conseguimos notar inúmeros fragmentos de emancipação das grandes gravadoras, da sociedade de consumo, isso graças o projeto que busca autonomia da sua produção e o que é produzido por outros punks que pactuam do mesmo projeto de vida. O fato de J. e outros punks disponibilizarem a outros poderem ter acessos a materiais e a eventos que servem como produtores da subjetividade punk, faz com que as pautas políticas, ideias e causas do grupo(Movimento Punk) sejam compartilhados com outros punks e com aqueles que querem vir-a-ser punk.

A possibilidade de olhar para além da história de vida conhecendo seu projeto de vida autônomo, nos deu a condição de encontrar fragmentos de emancipação, J. junto com sua companheira são responsáveis pelo espaço cultural “Semente Negra” onde todas as atividades realizadas tem como intuito a criação de uma alternativa às imposições da sociedade de consumo, seja o consumo de shows musicais, na plantação de produtos agrícolas usando a tecnologia da permacultura. No espaço cultural “ Semente Negra” também funciona a gravadora e editora “ No Gods, No Master” essa tem como proposta o lançamento de disco de bandas punks, o lançamento de livros que tenham relação com o Movimento Punk e o anarquismo, essas atividades desenvolvidas a partir do projeto de vida de J. mostra o protagonismo de nosso entrevistado, ao ser responsável pela produção e distribuição do seu próprio material, o punk sai do papel de submissão e se torna protagonista, com isso sua constante busca por autonomia e emancipação se dá.

Lugares em que acontecem encontros promovidos pelo Movimento Punk tem grande importância na produção de identidade, isso se dá pelo fato

que nesses espaços acontecem socialização primária e secundária, essa são de grande importância na construção da identidade, Ciampa(1987) em sua teoria sobre a identidade apoiado nos autores Berger e Luckmann fala que a através da socialização primária e secundária que se dá a individualização, pois é “a partir das interações sociais que o indivíduo se constitui enquanto ser-no-mundo”.

Corroborando com a importância das interações sociais, J. fala sobre a importância que espaços de convivência punk tem para o Movimento Punk e aqueles que participam de atividades promovidas pelo mesmo, nesses espaços acontecem trocas que servem para a construção da subjetividade punk, pois neles acontecem conversas horizontais entre seus frequentadores, shows troca de materiais, discussões sobre luta política do movimento.

Na história de vida apresentada por J. é possível notar a plasticidade da identidade apresentada por Ciampa, em alguns momentos a identidade em metamorfose é apresentada com a ideia de mesmidade onde a mudança é aparente e até mesmo o entrevistado nota a mudança, em nossa conversa ele fala sobre esses momentos como eles que marcaram sua vida, ele cita o momento em que passou de adolescente para adolescente-punk como um marco em sua história. Mas como discutido a metamorfose da identidade em busca da emancipação acontece até mesmo em momentos em que ela não é tão aparente, nesse momento a ideia de mesmice é apresentada, J. por não conseguir notar a metamorfose de sua identidade fala que entre deixar de ser criança e torna-se adolescente foi um momento de mesmice, momento esse que foi superado com a ideia de mesmidade quando o mesmo teve contato com o Movimento Punk na cidade de Salvador no estado da Bahia.

Durante a conversa com J. conseguimos notar vários fragmentos de emancipação, a identidade política de nosso entrevistado tem uma mediação de um projeto de vida autônomo em busca de emancipação, ao escolher mudar da cidade de São Paulo para uma pequena cidade do Litoral Sul J. passa a ser punk-morador-da-floresta, isso em busca de autonomia, essa busca é feita de forma consciente para realização de seu projetos.

No espaço cultural gerido por J. em conjunto com sua companheira e outras pessoas, ocorre vivências sociais com punks e não punks , sendo a socialização importante na individualização do indivíduo, a identidade do nosso entrevistado continua em constante metamorfose, seja quando ele tem contato com os moradores da região onde mora, seja com outros participantes do movimentos punk, nesses momentos se dão trocas de experiências, compartilhamento de lutas e ideais que levam a emancipação.

Após a análise de nossa entrevista em forma de conversa com J. entendemos que tivemos uma resposta satisfatória ao nosso problema levantado que era saber a relação entre a produção de identidade e o envolvimento com o Movimento Punk. A associação com grupos sociais como o Movimento Punk e outros grupos que tem como ideais as causas que ajudam o desenvolvimento de uma identidade política que busca a autonomia, faz com que ocorra a individualização de um ser emancipado.

7. Referências bibliográficas

- BENNET, A. Cultures of Popular Music. Buckingham, UK, and Philadelphia: Open University Press, 2001.
- BERGER, P. L. & Luckmann, T. (2008). A construção social da realidade. Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1983)
- BOSI, Éclea. O tempo vivo da memória: Ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BRAKE, Mike. 1985. Comparative Youth Culture: The Sociology of Youth Culture and Youth Subcultures in America, Britain, and Canada. London: Routledge and Kegan Paul.
- CAIAFA, Janice. Movimento punk na cidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- CIAMPA, Antonio Costa. A estória do Sereverino e a história da Severina. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- CIAMPA, Antonio Costa. Identidade. Disponível em: acesso em: 18 de Outubro de 2018.
- DA SILVA, Flavia Gonsalves. Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural. Disponível em: acesso em 02 de novembro de 2018.
- DANTAS, Sergio Silva. Identidade Política E Projetos De Vida: Uma Contribuição À Teoria De Ciampa. Psicol. Soc. [online]. 2017, vol.29, e172030. Epub Dec 18, 2017. ISSN 0102-7182.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1995-1997. Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34.

- GELDER, Ken, and Sarah Thornton, eds. 1997. The Subcultures Reader. London and New York: Routledge.
- GOFFMAN, E. (1988). Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. (Original publicado em 1963)
- HALL, Stuart, and Tony Jefferson, eds. 1976. Resistance Through Rituals: Youth Subcultures in Post-War Britain. London: Hutchinson.
- HEBDIGE, Dick. 1979. Subculture: the Meaning of Style. Londres: Methuen. DOI : 10.1111/j.1467-8705.1995.tb01063.x
- L MÓNICO, V ALFERES, P PARREIRA, PA Castro. A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. Disponível em: acesso em 17 setembro de 2018.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Tempo social. São Paulo:Revista de Sociologia da USP, .17, V2, 2005.
- MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- MUNGHAM, Geoff, and Geoff Pearson. 1976. Working Class Youth Cultures. London: Routledge and Kegan Paul.
- RIBEIRO, Eduardo. Uma história Oral do Movimento Anarcopunk em São Paulo. São Paulo: ed. No Gods, No Masters, 2018.
- RICHARDSON, Roberto Jarry et al. Pesquisa social: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.
- TANGERINO, Denise de Paiva Costa. Contestação, comunicação e consumo:a cena straight edge brasileira. São Paulo:ESP, 2011.

- VELHO, Gilberto. “Observando o familiar”. In . Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.

Filmes

- Botinada: A Origem do Punk no Brasil. São Paulo, 2006. Direção: Gastão Moreira.
- The Warriors. EUA, 1979. Direção: Walter Hill.

ANEXO 1

Transcrição da entrevista

E: Entrevistador | J: Entrevistado

E: J. obrigado pela conversa, pra começar eu gostaria de dizer que ela será usada na minha pesquisa do TCC

J: Sim

E:Ela não vai ser divulgada comercialmente, será usada para meio científico mesmo, queria pedir autorização pra isso

J: Claro, autorizado

E:Obrigado! Pra começar né, a minha pesquisa fala sobre identidade, formação de identidade, pra começar nossa conversa a melhor pergunta é, quem é o Josimas?

J: Nossa...

E:Pergunta difícil

J:Bem difícil, porque é bem mais fácil alguém te definir que você se autodefinir, não existe uma busca por autodefinição né? Até porque ela pode parecer um pouco presunçosa, analisar quem você é, posso falar um pouco das coisas que eu faço, talvez isso defina um pouco de quem eu sou. É..., Bom eu atualmente, vou falar sobre atualmente, apesar de estar envolvido a muito tempo com coisas que construíram quem eu sou, eu estou envolvido no punk a mais de trinta anos, com o anarquismo, nessa história toda muitas coisas aconteceram, muitas coisas foram construídas e muitas destruídas, mas atualmente eu participo do coletivo "Cultive e resistência", é um coletivo que visa apoiar várias frentes de luta e de ferramentas de luta, e...eu moro no meio da floresta, depois de passar quase minha vida inteira morando em São Paulo, adoro música, gosto de tocar, toco em bandas, sempre bandas que tem essa proposta de trazer questionamentos, proposta de uma vida alternativa, autônoma, sou vegano, gosto de animais, gosto de trocar experiência com os animais, permitir conhecer por eles, conhecer eles, isso tem sido bastante intenso morando no meio do mato, no meio da floresta, acredito em outro

mundo totalmente diferente desse que a gente vive, pelo menos dessa forma autoritária que o capitalismo aprisiona a gente, acredito num mundo livre, acho que é isso(risos)

E: Pow, mais de trinta anos no punk, conta pra mim, como você conheceu o punk, como foi sua entrada no movimento punk?

J: É... quando eu era adolescente, acho que eu tinha treze, quatorze anos, eu morava em Salvador na Bahia e eu vi passar na minha rua uma pessoa que tinha um cabelo moicano que na época eu não sabia que era moicano, era cabelo espetado e na camiseta dele tinha um “A” pichado de anarquia, eu achei aquilo no mínimo curioso e que nessa fase da adolescência, da nossa adolescência, principalmente nos anos oitenta era o estágio do nada, agente costumávamos dizer que a adolescência você não podia mais brincar, mas também não podia ser adulto, então você só esperava o momento que você podia ser algo, dá uma grande sensação de vazio mesmo e quando eu vi aquela pessoa que parecia ter a minha mesma idade andando na rua de cabelo espetado com uma bota e um monte de corrente pendurada, lentamente eu fui me aproximando e eu descobri que era um punk, num belo dia ele me emprestou uma fita com bandas punks que eu nem lembro que bandas tinham, mas eu cheguei em casa ouvi aquela fita cassete e achei aquilo incrível, mais porque eram feitas por pessoas como eu, aí eu falei pra ele “de onde vem isso?, Que é isso?”, aí ele falou sábado vai ter, na época ele falou “Um desabafo cultural” né (risos), porque o punk sempre teve essa coisa nós não fazemos um show, nós fazemos uma militância, um protesto, um desabafo, e eu fui com ele, tentei copiar ao máximo a estética que ele tinha, mas eu não tinha as mesmas coisas que ele tinha, então peguei uma bota de obra, uma calça apertada, tinha uma camiseta branca e risquei de caneta BIC um “A” e fui, cheguei lá e posso falar que foi o momento que mudou a minha vida completamente porque eram pessoas da minha mesma faixa etária e com as mesmas necessidades de tipo se entender mesmo e o punk me deu isso, ele fez que eu entendesse que eu podia fazer qualquer coisa, eu podia montar uma banda, escrever um zine, eu podia viajar, eu podia ser o que eu quisesse e que aquilo era suficiente, era autossuficiente, e nesse show, não era show(risos) era desabafo cultural, é..., eu voltei pra casa com mais três fitas cassetes de bandas locais e mais um monte de fanzine.

E: Você lembra que bandas eram?

J: Não lembro, eu lembro que fui em outros shows depois e eram bandas como “Doutrina Decadente”, “Dever de Classe”, é..., “Al-5” lá de Salvador, não a de São Paulo, tinham várias outras bandas que nunca chegaram a gravar nada e o interessante é que na semana seguinte eu já estava com a galera carregando as caixas de som para as praças públicas e fazendo os desabafos culturais.

E: Já estava nas gigs? (risos)

J: Já estava nesse processo de organizar junto, porque o punk tem uma coisa muito forte de que você não pode ser o telespectador né? Você também pode ser o telespectador, mas não só...Você é telespectador quando você está vendo algo, mas você troca de lugar de forma bem horizontal, então aquele que assiste o show é o que toca na próxima banda e vice-versa ou que escreve um fanzine, que faz uma matéria ou que tem uma distribuidora ou que monta revistas, jornais, então quando eu voltei com tudo aquilo pra minha casa e vendo que a pessoa que escreva o fanzine ele relatava sentimento e a indignação que ela tinha, eu falei “Eu posso fazer isso e seu eu posso, eu vou fazer isso e que tenho que usar isso que eu aprendi a partir desse momento” e daí pra frente eu sempre me vi carregando equipamento, sempre escrevendo fanzines, sempre lendo fanzines das pessoas, é..., ajudando bandas em tour, ajudando pessoas que estão fazendo palestras em tour, foi assim o começo que se seguiu

E: Exatamente(risos) e como foi seu primeiro contato como o punk de São Paulo? Que o punk de São Paulo era um pouco diferente desse punk de Salvador, pelo menos ao meu olhar, porque o punk de São Paulo no começo era um role da molecada se juntar, sem muito proposito, tinha uma galera dentro do movimento punk de São Paulo que tinha um propósito

J: Sim

E: Não podemos esquecer do Redson, do Ariel, mas não era totalidade dentro do movimento, era uma role de gangue, não tinha uma bandeira levantada, qual foi seu primeiro envolvimento com esse movimento?

J: Meu pai é do sertão da Bahia, sempre e desde de muito jovem ele trabalhou em obras, trabalha até hoje, ele tem setenta anos e continua trabalhando em obras, é..., ele sempre era transferido de um lugar pra outro,

quando estava em estados próximos de Salvador ele ia passava um mês, dois meses e voltava, mas quando ele foi transferido pra São Paulo ele achou que era importante que a família fosse e a empresa pagou toda mudança da gente pra vir para São Paulo, é..., pra mim foi muito ruim sair daquela realidade que eu estava ali conhecendo as pessoas do punk no meio da adolescência, mas também tinha um desafio de encontrar novos punks porque aquilo era minha vida naquele momento, eu só estudava e não fazia mais nada da vida então precisava manter o punk vivo... (interrupção, alguém fala que o evento que estava acontecendo no local da entrevista vai começar)

J:É...ai quando eu cheguei em São Paulo eu queria saber aonde os punks estavam e é difícil chegar uma cidade mesmo como São Paulo e ir atrás dos punks, ai comecei a ir pro centro da cidade, aonde descobri as galerias, a “Galeria do Rock” e comecei a andar por lá, encontrei um punk e comecei a conversar, mas realmente era muito diferente.

E: Isso quanto tempo depois de você ter conhecido o punk em Salvador?

J:Uns três anos depois, isso acredito que era oitenta e oito mais ou menos, mil novecentos e oitenta e oito e foi difícil porque ele me falou “Vai ter um gig em tal lugar” e eu falei “ Ah então vamos”, mas era a coisa tão... as pessoas que eu encontrei ali no punk parecia estavam umas contra as outras e eu já não sentia mais aquela inquietação, aquela rebeldia, aquela vontade de produzir que eu conhecia e queria manter dentro de mim, mesmo assim eu tentei, fui em um lugar e outro, logo depois fui num encontro de uns punks que acabaram assassinando um punk a facadas e aquilo me fez falar “Não...esse não era o mesmo punk que eu conheço, que eu acredito”, a gente não tinha informação nenhuma informação de outro lugar, toda informação que a gente tinha era que a gente encontrava, a gente encontrava as pessoas e tinha informação, a gente trocava informação, então eu voltei pra casa e fiquei construindo um universo punk somente dentro de mim, sempre em contato com o pessoal punk que tinha lá em Salvador, isso fez com que eu voltasse a Salvador em férias pra estar com o pessoal várias vezes, vi “Cólera” a primeira vez em Salvador nos anos oitenta, é...foi um show histórico do “Cólera” e “Taurus” em oitenta e nove, mais ou menos, é...no final do show o Redson deu papel e caneta para as pessoas fazerem um repertório e eles já tinham

tocado duas horas(risos) e as pessoas fizeram, cada punk foi lá é escreveu o nome de uma música, vinte músicas a mais e eles tocaram, então tivemos um show de mais de três horas, que isso era muito famoso nos shows do “Cólera”, shows de três horas...

E: Eu lembro de um show do “Cólera” que eu fui, tipo...muitos anos atrás, eles já tinham tocado muito e “Vocês estão cansados? Essas são as primeiras 28 músicas” (risos), isso era muito do “Cólera”

J: Sim, muito...sim, mais aí, minha realidade agora era em São Paulo por mais que eu ia passar as férias em Salvador e encontrar as pessoas que eu tinha mais afinidade, eu precisava encontrar as pessoas em São Paulo, mas... encontrei umas pessoas que desenvolvemos uma amizade mas o sentimento que eu tinha era que essas pessoas não tinham motivo pra lutar por nada, é..., o punk pra elas era mais um desabafo, uma coisa de final de semana e aquilo não me contemplava de forma alguma, então eu passei a me insolar bastante realmente e até o dia que eu comecei a encontrar algumas pessoas que já estavam se ligando mais a essa coisa do anarquismo no punk, que já não tem a ver com gangues, eram pessoas que tinham saído das gangues e estavam querendo construir um novo punk né, existiam pessoas que já faziam coisas legais, como até você até falou, o Ariel tinha um fanzine que eles escrevia coisas, tinha o Callegari, tinha a Meire que escreveu um dos primeiros fanzines e foi organizadora do festival “Começo do Fim do Mundo” que tem sua história bastante apagada, as pessoas não falam muito dela mas ela era fundamental na organização do festival e do começo do punk, sabe? É... então eu acho que esse foi o momento que eu comecei a entender o punk em São Paulo de uma outra forma também, que eu poderia participar de uma construção de um novo punk em São Paulo...

E: Esse novo punk foi o que resultou no anarcopunk?

J: Isso

E: O movimento anarcopunk foi na contramão daquelas coisas das gangues

J: Exato

E: Não que tivesse abandonado a violência que estava posta no momento, a meu ver era uma briga por ideais

J: Sim, eu acho assim, São Paulo é uma cidade muito violenta, tem muita desigualdade social, é um problema social isso, então se você pega uma juventude que vem das periferias da cidade ela vem cheia de violência, por mas que elas queiram liberdade, vida , autonomia, mas você vive isso, se você é explorado da forma que você é a violência reverbera dentro de você e isso acompanhou o anarcopunk, não existe isso de “eu não sou fruto dessa sociedade” a gente é, já era fruto dessa sociedade bastante violenta com a gente, que é até hoje com a juventude e com todo mundo que não está no topo da pirâmide social, então esse começo do anarcopunk estava ali, realmente era um aprendizado, aprendizado mesmo, nos carregávamos as teorias anarquistas de uma forma muito pura e tentando ir atrás dos velhos, indo nos velhos do “Centro de Cultura Social” sedento por informação, tinha atividade no “CCS”, a gente lotava, chegava lá todos os anarcopunk, sentavam e querendo ouvir cara, a gente queria ouvir o Jaime Cuberos, a gente queria ouvir o Martins que eram os velhinhos que brigaram com os fascistas na Praça da Sé em mil novecentos e trinta e dois, que escreveram milhares de coisas massa, a gente estava lá sedento por informação né, então quando eu encontrei essa galera que estava junto e falando “a gente agora”, isso era o começo que as pessoas estavam se denominando como anarcopunk.

E: Isso te trouxe um pouco de viver aquele punk que você tinha vivido em Salvador

J: Exato

E: Que era a coisa da busca por liberdade, autonomia, que te trazia isso, que era uma coisa diferente que estava rolando em São Paulo

J: Exato, era isso. Quando eu encontrei essa galera, eles queriam produzir, fazer coisas, organizar shows, escrever fanzines, escrever jornal, a gente queria ser...queria produzir muita coisa, a gente montou diversos coletivos que produzia informativos mensais, começamos trabalhar com os grupos de afinidade, construímos o “Anarquismo contra o Racismo” que é um coletivo que existe até hoje que trabalha questões raciais dentro da ótica anarquista, então isso foi muito forte pra mim, eu me vi produzindo, eu vi assim cara, essa é a rebeldia que eu quero , essa é a vida que eu quero, eu quero trabalhar com educação, trabalhar realmente com a construção de uma alternativa a esse mundo que a gente vive hoje.

E: Legal pensar no punk dessa forma, nessa época o punk começou a se ligar a movimentos sociais

J: Sim

E: Você está falando da luta antirracismo, tem a questão da luta antimanicomial, pelos indígenas e várias outras lutas, inclusive é um dado bastante interessante é que vocês participaram ativamente da primeira “Parada LGBT” né?

J: Sim, a gente fez parte das reuniões e era engraçado porque assim, bom, vou voltar um pouco, a gente quando se entendeu realmente e se identificou com o anarquismo e é importante ressaltar que a gente não tinha informação vindo de fora, enquanto nos anos setenta e oitenta já tinham coletivos anarcopunk, bandas anarcopunk, a gente nem tinha ouvido falar nisso, a gente não sabia de nada disso, foi uma coisa que realmente surgiu como embrião ali, tanto que a gente tinha um movimento anarcopunk que era muito único no mundo inteiro, ele era uma contestação muito mais social do que cultural, nós estávamos dispostos a nos aprofundar em diversos temas, racismo, a luta antirracismo, a luta por igualdade de gêneros, questão indígena, questão racial, sexualidade, tudo isso, a gente foi e falou “A gente quer estar em todas essas lutas”, são lutas de minorias, são lutas do povo, a gente vai estar junto e a música era uma ferramenta que a gente tinha e que veio de dentro da cultura punk e essa coisa da gente estar junto da organização na época chamava “Parada Gay” e a gente estava muito visto como a força bruta da parada, os anarcopunks estão aqui porque eles saem na mão e saem na treta com a direta né, então quando nos chegávamos nas reuniões sempre tinha festa “chegaram nossos guardiões” (risos), a gente não gostava muito disso porque a gente achava que todo mundo tinha que ser guardião de todo mundo mas a gente entendi esse ponto de vista, aí depois a gente indo foi se afastando quando a coisa começou a ter uma intervenção de um política mais, é...um pouco mais partidária e talvez faltou uma maturidade pra gente entender que a necessidade que a galera estava tendo na época, isso faz muito tempo, então quando houve essa aproximação da organização com outras organizações nos entendemos que saiu da relação horizontal e então a gente falou “se não é assim a gente não quer”, o que eu acho que foi uma imaturidade muito forte da gente assim na época, mas que na época foi

assim que aconteceu, na época a gente era muito sangue no olho , tipo assim, a gente era muito radical, a gente não tinha uma flexibilidade, acho que isso foi prejudicial na nossa história porque essa falta de flexibilidade fez com que muita gente se afastasse e acabasse que a gente fosse intransigente também, E: Aí tem todo esse percorrer você sempre esteve envolvido a frente, a frente não, de forma horizontal construindo com o pessoal questão de organizar tours, organizar gigs, montar bandas até organizar lançamentos de discos, coletâneas de bandas?

J: Sim, assim, eu sempre acreditei muito que é muito importante apoiar nós mesmos , se a gente não apoiar nós mesmos, ninguém vai apoiar e eu nem acho que a gente precise de outros apoios, eu acho que é muito importante que a gente coloque aquilo que a gente acredita em xeque, tipo, se a gente acredita a gente tem que apoiar, se existe uma banda de pessoas como você, ela precisa de apoio, se existe um escritor que é seu amigo e acredita nas coisas que você acredita, ele precisa de apoio, se existe uma banda em turnê ela precisa de apoio, se existe uma banda querendo lançar um disco , ela precisa de apoio e a gente fala tanto de apoio mutuo, né? E de repente é importante colocar isso em prática porque senão ele vira só um falatório, então desde que eu entendi que eu conseguiria lançar um disco de uma banda, ajudar a banda de uns amigos, pensei “por que não fazer? Porque assim a gente pode pensar, poxa que essas coisas custam caro, custam caro, mas conta de luz também custa caro, conta de telefone também custa caro, e a gente paga, então eu prefiro muita mais lançar um disco de uma banda de um amigo do que pagar uma conta de luz, então eu tive diversas vezes a minha luz cortada muitas vezes, muitas e muitas vezes, e muitas, mas eu preferia lançar o cenas anarcopunks que foi uma coletânea que a gente fez com 10 bandas anarcopunks no Brasil, isso nos anos 90.

J: Então eu acho que é muito importante que a gente pense sobre essa questão, se a precisam viajar chegar, elas precisam chegar ali, e se a gente dividir isso, um pouco por algumas pessoas a gente consegue chegar nisso tranquilamente. Eu nunca vi uma pessoa que ficou rico com o punk, você não vai ficar rico com o punk, você vai ficar rico com outras coisas que vão ser as próximas do punk, mas dentro do punk, você só vai gastar grana, você só vai perder dinheiro no sentido de gastar o seu dinheiro. Mas a gente perde dinheiro

o tempo todo pagando conta de luz, pagando internet, pagando, nisso a gente perde dinheiro, perde porque esse dinheiro não volta para os nossos amigos, não volta para as comunidades que a gente tá, eles vão para as mãos de grandes empresas.

J: você abastece seu carro você tá abastecendo a Shell, quando você vai no show que você paga r\$ 10 na entrada você tá ajudando o seu amigo que toca guitarra, a comprar um jogo de cordas, a tocar de novo, é acreditar naquilo que você está, sabe? Então eu sempre achei que por saber fazer isso, Quando e eu aprendi dentro do punk, foi o punk que me ensinou a fazer isso eu acho que eu tinha que continuar fazendo isso. Então é muito legal, vem uma banda dos Estados Unidos, da Europa, ou da África e fala eu quero tocar no Brasil e eu não sei como fazer mas eu sei fazer e eu vou pedir para as pessoas que estão na minha comunidade também ajudar e as pessoas compartilham isso e elas vão ajudar, e a pessoas vem e compartilham isso e trocam isso com você .

E: Pensando nisso é muito importante ver que essa formação de rede, e que também sai de um lugar em que a música é vendida como um bem de consumo, conhecendo, você já geriu espaços como, você já teve no espaço improprio por um tempo, mas antes estive no Germinal, que eram espaços que produziam shows, ensaios, tudo pra movimentar essa máquina que é o punk e a cultura anarquista.

J: Sim, a gente tinha um espaço Germinal, que começou na região do Grajaú, morei no Grajaú durante muito tempo da minha vida e depois a gente acabou mudando a cidade que a gente tinha um sonho de chegar em mais pessoas, e a gente tinha uma proposta que as pessoas diziam, meu essa proposta é muito legal, a gente tinha um espaço que era um lugar vegano, comida vegana, show, debate, palestra espaço para você ensaiar um monte de coisa isso é muito legal, a gente notava que as pessoas queriam que continuasse existindo, a gente queria ir para o centro da cidade, e a gente foi para o centro da cidade tentar chegar em mais pessoas que foi para o centro da cidade. A cidade engoliu a gente na verdade, porque a gente estava acostumado na periferia, o centro da cidade é muito diferente. E a cidade foi engolindo a gente, e a gente fechou o espaço e acabamos indo para o improprio que era um espaço muito próximo e que tinha propostas bem

parecidas com a gente. E continuamos a fazer as mesmas coisas no espaço improprio, que era exatamente isso, um lugar que as pessoas iriam ter como referência de encontrar aquilo que pra gente era tão difícil de encontrar nos anos 80. Tipo se existisse nos anos 80 um espaço igual o espaço improprio na minha época, quando eu comecei dentro do punk, teria sido muito importante também, porque lá a gente tinha biblioteca, comida vegana, espaço para ensaiar, espaço de show, lugar para você fazer debates, palestras e oficinas fazer o que você quisesse , é um lugar que te fornece muita informação então a ideia da gente ter esses espaços sempre foi essa, é um lugar que você aglutina, é um lugar que te fornece muita informação, a ideias de ter esses espaços sempre foi essa, de você ter uma aglutinação, que as pessoas pudessem usar para levar pra suas vidas.

E: é interessante pensar que você sai daquele lugar, que pra ter você tem banda você precisa tocar bem, se não, não vão te chamar pra tocar, com isso você se emancipa.

J: O punk enxergo que ele te empodera, essa palavra está tão utilizada atualmente, o punk ele te empodera mesmo, ele fala você pode, não importa realmente se você não sabe tocar, você vai aprender e vai ter uma pessoa igual a você que vai poder te ajudar e aquilo que você fizer é tão carregado de sentimento, de tantas verdades dentro daquele sentimento que saber colocar as notas virar algo secundário, então você consegue ver as bandas que consegue transmitir tanta coisa, tocando tão mal. Então é um sentimento tão único e tão forte que as pessoas gostam porque é justamente por isso porque elas se identificam, e é importante essa identificação, porque ali ficar é onde você apoia.

J: Eu sei que não é assim hoje né mas tipo quando a gente começou a tocar lá nos anos 80 e 90 80 e começo dos 90 era muito complicado conseguir um instrumento muito complicado eu não consegui comprar minha primeira guitarra por conta de um primo que me vendeu, e que eu paguei sei lá quantos anos mas eu tenho na minha casa um quarto aqui que eu posso construiu uma sala de ensaio, que as pessoas podem vir aqui e usar minha guitarra pra ensaiar e fazer as suas músicas. Eu fiz isso não sozinho mas com as pessoas que estavam junto com a nossa história, com a nossa comunidade, pegamos um quatinho desse tamanho arrumamos uma bateria feita lá no Tatuapé, feita

de lata, um amplificador que entrada guitarra e baixo junto, arrumei mais um baixo e as bandas podiam ir lá e ensaiar e construir suas histórias.

E: É legal quando você fala assim, a nossa comunidade viu que a gente podia se juntar e fazer, é legal que nesse movimento, no movimento punk, não existe aquela coisa o Josimas é o dono do estúdio, e somos a molecada que quer montar uma banda.

J: A gente tem que praticar as relações de forma horizontal mesmo, não adianta você querer estar acima de ninguém, porque é nesse momento, em que o punk te ensina, se você está acima de alguém, basta esse alguém sair debaixo que você cai, o punk te ensina isso a vida inteira. Algumas pessoas ainda não notam. É a mesma coisa quanto tem uma banda que as pessoas estão gostando muito, chega um momento que as pessoas falam, hum... acho que essa tá demais, talvez seja hora de a gente não gostar tanto e as pessoas destroem essa banda. E é muito normal, quando sei lá uma banda que já está um pouco maior em determinado momento ela volta, porque o punk deixou de apoiar.

Isso também é fruto quando a gente começa a perder nossa identidade, costumo falar que nos anos 90 a gente tinha os piores instrumentos, mas tinha muita coisa para falar, muita coisa para falar, hoje essa coletividade diminuiu muito, hoje a gente instrumento muito melhores, mas muito menos para falar.

E: Melhores recursos, mas...

J: é a gente tá perdendo os sentimentos, a gente tá perdendo a coletividade, perdendo esse sentimento de apoio, a gente quer que as pessoas nos apoiem, mas a gente quer apoiar muito pouco e isso vai destruindo o que a gente sente dentro da gente, o que tá dentro do coração da gente e quando isso acontece é o momento que se esvazia normalmente e as pessoas se afastam, se não tem sentimento, ninguém tá perto um do outro.

E: Um tempo atrás eu vi uma publicação que você tem a No God No Masters, vocês publicaram uma coisa que eu nunca tinha me colocado a pensar sobre isso, o porquê não estar nesses sites de streaming e eu fui fazer essa leitura, que realmente tira a autonomia de quem tá produzindo o material e também de quem quer ouvir o material. Me fala um pouquinho sobre.

J: Vou falar um pouquinho sobre o No God, No Masters, assim a gente faz parte de um coletivo que chama cultivo e resistência, cultivo e resistência

é um apanhado de estratégias em busca da autonomia, aí dentro da cultivo e resistência a gente tem a No God No masters, é a nossa editora, selo, distribuidora de material ligado ao anarquismo, feminismo, punk, e a gente sempre acreditou muito nessa coisa do material, feito pelos punks, pelos anarquistas por mulheres, mulheres e feministas, bandas anarquistas, deste material ter apoio, a gente precisa apoiar isto, então a No God No Masters surgiu dentro desta proposta, a gente precisa fazer com que essas bandas, essas meninas que estão escrevendo, essas pessoas que estão escrevendo, que tem seus discos lançados, mas não sabem distribuir não conseguem distribuir, como um aglutinador, dessas alternativas de distribuir esse material, então é uma distribuidora dentro do punk, ligada ao punk, feito por punks que dá suporte a pessoas como nós e a gente surgiu em 2011 e quando foi um tempo atrás, a gente começou a ver essa coisa do bum da tecnologia, e que chegou nesse ponto de coisas como o spotify, que é um controle da música, ele controla quem ouve, porque existe preço pra isso, quando você coloca preço para as coisas, você seleciona, quem ouve e quem não ouve, e isso é totalmente contraditório com a proposta do punk.

J: O punk ele surgiu para ter controle sobre a própria música, ele surgiu em resposta ao controle musical que era feito nos anos 60, 70. Ele surgiu para falar a gente pode fazer a nossa música, a gente quer isso popular, a gente quer que as pessoas ouçam e cheguem nas mãos das pessoas, a gente quer popularizar e de repente a gente se deparou com diversas bandas, não colocando nessas plataformas, que são, elas são, elas criam um apartheid social, porque tem gente que não tem acesso cara, tem gente que não tem como ter acesso aquilo, tem gente que não tem internet como a gente tem, tipo pessoas que não tem classe social mais elevada, tem gente que não tem um aparelho que não vai conseguir ouvir tão bem, e porque que? Ai você pode falar, mas eu posso ouvir o gratuito, pode, mas tem todo um processo ali que vai selecionado, inclusive recheado de propagandas que você não precisa, nem quer ouvir, e quando vejo uma banda que de repente nossa, essa anda é muito legal, ela tem uma proposta muito legal e ela coloca lá estamos no spotify, usando o slogan utilizado e criado pela spotify e ela pega arte pronta do spotify, que o spotify fala assim, pode usar a nossa arte, eu fico pensando que é a mesma coisa que colocar apoiado pela Shell, apoiados pela Phillips,

apoiados pela Coca Cola, e as bandas, e as pessoas que são amigos das bandas pagam por isso, então agente entrou num processo de discussão que foi longo inclusive, porque a gente queria entender realmente, conversamos com muitas pessoas, porque as pessoas fazem isso, porque sei lá você quer pegar a sua banda e colocar no spotify? Colocam mas coloca no Brandcamp, coloca num outro, coloca no soul cycles, disponibiliza isso para as pessoas, tipo elas vão poder escolher ali, o cara não tem grana, não pode ouvir ali no spotify, mas ela pode ouvir no bandcamp que é grátis e que foi criado com proposta para ser gratuito, pra que ninguém tenha o controle da música, o poder não pode ter controle sobre a nossa arte, muito mais sobre a nossa revolta, o poder não pode ter controle sobre isso, e quando a gente pegou a nossa cultura, a nossa revolta e entrega pra eles e fala controle isso, a gente tá se vendendo e o preço tá muito caro.

E: E tira muito, porque tira o controle sobre a sua própria música. E pensando naquilo que você falou da comunidade apoiar todo mundo que produz dentro dela, você meio que perde isso

J: Eu acredito na questão da música punk, quando você vem aqui, vai em um lugar como esse, ou outro lugar que tá aberto pra você fazer alguma coisa, e as pessoas vem ver você tocar e de repente, você fala meu tem um lugar que você pode ouvir minha música, eu posso te enviar um mp3, já que a gente já está falando de mídias digitais, eu ainda sou, eu gosto de disco, eu gosto de pegar o disco, eu gosto de abrir de ler o encarte, eu quero saber o que a banda está falando, que talvez eu não entendo, porque não entender tudo bem, não tem problema, mas eu gostaria de saber o que ela está falando, eu gostaria de ver porque ela escolheu um desenho, eu quero sentir tudo isso, e quando você coloca a música pra tocar num aparelho que fica dentro do seu bolso, você não tem acesso a nada disso, e agora se torna simplesmente a trilha sonora de uma outra coisa que você tá fazendo na vida, você não tá compartilhando realmente, você não tá pegando aquilo e falando poxa, olha aqui isso é legal, isso é palpável, ela só é a trilha sonora daquele momento que você tá no ônibus, que você tá indo dirigir para um lugar, que você tá trabalhando, então a nossa crítica é essas empresas elas querem controlar nossa arte e a nossa arte dentro do punk, é a nossa revolta, e a gente não aceita que esse controle seja feito, e a gente tem que criticar por que as

peessoas que estão junto a nós, elas talvez esteja iludidas com alguma coisa que essas plataformas oferecem, e que tem um preço muito caro sabe, elas estão dispostas a pagar? Se elas escolherem isso tudo bem, talvez a gente não esteja do mesmo lado.

E: Você já falou varias vezes sobre se auto questionar, sobre se auto criticar...

J: Sim

E: Você acha que o J. moleque que conheceu o punk, nesses trinta anos já se questionou várias vezes nesse tempo e se reformou nesses anos de punk?

J: Sim, acho que isso é muito importante o tempo todo saber fazer isso, é..., eu conheço uma senhora indígena de setenta anos e ela fala assim, sempre quando ela vai falar alguma coisa, todos os dias quando ela fala vai alguma coisa ela fala assim “olha, eu não sei nada, estou aqui pra aprender”, é...e quando eu vejo aquela senhora, que é uma do senhora do mato, que passou setenta anos vivendo no mato, que tem uma família gigantesca, que ocupa essas terras, que luta, que é uma rebelde e quando ela fala “eu não sei nada”, eu imagino “e quanto eu sei?”, e..., claro que em um momento da nossa juventude e dentro um processo a gente se coloca com ar de superioridade, né? Eu sei sobre essas coisas e depois de um tempo você começa a se questionar né? Talvez o que você saiba não seja muito e aprender é uma coisa muito importante, o que você faz com o que você aprender é sua escolha, mas é importante aprender, aprender é essencial para que você consiga sobreviver de outra forma dentro desse planeta, porque se você não tiver acesso a esse conhecimento você vai destruir muito mais que construir, porque a nossa vida, o nosso seco aqui como ser humano é a destruição, a gente vem destruindo o planeta em linha reta o tempo todo e si questionar faz com que você repense quem é você nesse mundo, né? Então todo conhecimento, toda essa carga que você pode conquistar em um olhar, em toda conversa, nesse momento aqui, nos dois, eu vou sair daqui com mais conhecimento e se questionando quem você é e construindo coisas novas o tempo todo, porque se não se estagna.

E: E falando sobre os projetos que você desenvolve, mora em Peruíbe...

J: Morar em Peruíbe é um projeto na verdade, a gente sempre quis morar mais em contato com a natureza em si, quando eu falo natureza, não é morar perto de uma árvore, é morar mais em contato com o que a natureza é na verdade, é estar perto da natureza, a natureza inclui animais, água, floresta, as árvores em si, como você se reaciona com ela e como elas se relaciona com você e tentar se afastar um pouco de um sistema destrutivo, dentro da natureza você trabalha de uma forma cíclica, tudo que vai, volta... É diferente da cidade que você começa destruindo e termina destruindo, a gente precisava passar por esse processo, a gente vinha tentando a muito tempo, a gente conseguiu e levo toda essa experiência que a gente dentro dos movimentos sociais, do punk, do anarquismo, pra esse lugar que a gente vive que na verdade é um espaço cultural, sociocultural que chama "Semente Negra" e lá que fica a "No Gods, No Masters" que eu já fale que é nosso selo, editora, distribuidora, a "Semente Negra" é o aglutinador desses projetos, é aonde a gente quer ter essas experiências né? De um espaço aonde a gente posso trabalhar questões da permacultura, da questão produtora punk anarquista, aonde a gente organiza um festival de três dias todo ano, que visa o trabalho em apoio e em conjunto com as tribos indígenas do litoral sul de São Paulo, adoro música, adoro tocar, adoro escrever, ler também, a gente temos a editora que lança livros também, temos dos projetos que nos temos é o "Tuna" que tem essa proposta de falar das coisas que a gente acredita mas não de uma forma tão direta como a gente fala em outras bandas, é uma forma mais é...vou dizer poética, mas não sei se essa é a palavra menos direta, porque queremos trabalhar essa coisa do pensar dentro da nossa fala quanto música, eu acho que é isso.

E: Pra finalizar nossa conversa eu acho legal pensar, quem o J. quer ser?

J: Ser exatamente isso que eu sou, ser quem eu, não acredito que eu vou ser uma pessoa livre, mas sou uma pessoa que luta pela liberdade, é isso...